



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JIANE MARIA DOS SANTOS GOUVEIA

**PROCESSOS FORMATIVOS: PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Presidente Prudente - SP
2024



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JIANE MARIA DOS SANTOS GOUVEIA

**PROCESSOS FORMATIVOS: PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen.

370 Gouveia, Jiane Maria dos Santos.
G719p Processos formativos: práticas de alfabetização e le-
tramento na perspectiva da inclusão escolar. / Jiane Ma-
ria dos Santos Gouveia. -- Presidente Prudente, 2024.
132 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) --Universidade
do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP,
2024.

Bibliografia.
Orientadora: Prof^a. Dra. Elisa Tomoe Moriya
Schlünzen.

1. Inclusão. 2. Alfabetização. 3. Processos formati-
vos. I. Título.

JIANE MARIA DOS SANTOS GOUVEIA

**PROCESSOS FORMATIVOS: PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Presidente Prudente, 26 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Prof.^a Dra. Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Prof.^a Dra. Nair Correia Salgado de Azevedo
Universidade Paulista – Unesp
Presidente Prudente- SP

DEDICATÓRIA

A Deus por estar sempre presente, me orientando, me apoiando, me proporcionando alegrias quando eu achava que eu já não tinha mais forças.

Aos meus pais que sempre me apoiaram em tudo, gratidão e saudades eterna sei que gostariam de estarem aqui neste momento tão especial para mim, mas aprouve Deus os levarem para junto dele.

A mim, por aceitar este desafio e fazer da pesquisa um palco de emoções, realizações, idealizações e demonstrações de amor pela vida e pelo ofício docente.

Aos meus filhos Yan, Yago e Yanni, por serem a razão da minha luta e persistência.

Ao meu esposo Valdemir por acreditar em meu potencial e me apoiar em todos os momentos, escutando minhas lamentações, presenciando minhas angústias enquanto professora e pesquisadora. A você, todo o meu amor.

A todos estudantes que tive a oportunidade de encontrar em minha trajetória pessoal e profissional e que de alguma forma foram tocados e sensibilizados por minha forma de ensinar a partir de demonstrações de amor à docência e um imenso carinho por cada um deles. Meus queridos, sem vocês, esta pesquisa certamente não existiria.

A todos os professores que lutam e acreditam em uma educação libertadora, emancipatória com equidade e fazem da profissão, um ato de amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente e a minha professora orientadora Dra. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen, por propor este grande desafio a mim, por confiar em meu potencial, por estar sempre presente, escutando minhas ideias, compartilhando conhecimentos valiosos, disposta a escutar as lamentações da vida, buscando sempre entender todos os momentos enfrentados por mim oferecendo sempre uma palavra amiga e de conforto em todas as conversas que tivemos. A senhora, gratidão.

Aos professores da graduação em Pedagogia, em especial, aos professores Ademir Henrique Manfre, Nair Correia Salgado de Azevedo e Denise Alessi. Gratidão a vocês por me fazer entender o real sentido de se ensinar com equidade e amor.

A todos os meus professores que tive enquanto aluna da escola pública, no ensino superior e que, sem medir esforços, fizeram o melhor na sala de aula.

Aos meus professores do Mestrado, por trazer conhecimentos sempre tão necessários e importantes para a minha vida acadêmica.

À Ina, secretária da Pós-graduação, pela paciência e amor para comigo.

Aos funcionários da Universidade pela cordialidade, alegria no rosto e dedicação ao trabalho.

Às bancas de qualificação e defesa compostas por: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen, Nair Correia Salgado de Azevedo e Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos. Grata também por todas as contribuições dadas ao longo da pós-graduação.

De forma especial, a todos os alunos que tive a oportunidade de conhecer e conviver ao longo desses anos de docência.

Aos meus colegas de sala pela parceria, troca de ideias e de experiências nas aulas, nas conversas pelos corredores e em outros espaços da universidade

Aos meus grandes amigos e colegas de profissão Cidinha, Valzenir, e a saudosa amiga Maria pelo apoio incondicional.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (Brasil) CAPES – Código de Financiamento 001”.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

(Freire, 1997, p. 32)

RESUMO

Processos formativos: práticas de alfabetização e letramento na perspectiva da inclusão escolar

Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (PPGE/Unoeste), na Linha de Pesquisa 01: Políticas Públicas em Educação, processos formativos e diversidade. A problemática abordada nesta pesquisa surgiu, a priori, de uma pesquisa documental das Leis brasileiras relacionadas ao direito a educação e a inclusão e de observações da pesquisadora enquanto mãe de estudante inserido em um contexto de ensino tradicional, sentindo-me incomodada e sempre apaixonada pelo mundo da Educação inclusiva, decidiu cursar pedagogia no ano de 2017. Ao longo dos quatros anos da graduação, já idealizava uma proposta pedagógica de trabalho a fim de desmistificar a visão negativa da inclusão na educação. Diante do exposto, o estudo apresenta como objetivo geral: Analisar as possibilidades para a prática docente na alfabetização, letramento e inclusão, a partir de uma perspectiva autobiográfica, apontando caminhos para os processos formativos, e para alcançar esse objetivo, propomos os seguintes objetivos específicos: Identificar nos documentos educacionais oficiais (nacionais e municipais) e na literatura materiais que abordem a formação para práticas de alfabetização e letramento que possibilitem a inclusão; Refletir sobre os elementos centrais no desenvolvimento infantil relacionados à alfabetização, letramento e inclusão, contrapondo as práticas pedagógicas da pesquisadora com os documentos legais e a literatura sobre processos formativos; Levantar indicadores para os processos formativos relacionados à alfabetização e letramento com vistas à inclusão. Este estudo adota uma abordagem qualitativa, por meio da pesquisa documental e (auto) biográfica, pois, esse método possibilita-nos compreender e perceber as emoções, experiências vivenciadas no contexto em que estão inseridos, permitindo que a professora-protagonista compartilhe suas experiências pessoais e perspectivas sobre os processos formativos, as práticas de alfabetização e letramento, e a inclusão escolar. Por meio desta abordagem, busca-se compreender de forma mais profunda e contextualizada os desafios e as conquistas enfrentados pela docente no seu dia a dia. Considerando a abordagem da investigação adotada para este estudo, os seguintes procedimentos foram contemplados: o estado do conhecimento; a análise documental; a escrita de narrativas pela própria pesquisadora. Como forma de ancorar este estudo, foi delineada uma análise

crítico reflexiva das instabilidades e contrariedades apresentadas pelas políticas educacionais vigentes e anteriores e, sobretudo, quanto ao ensino e prática educacionais para a inclusão no contexto escolar. Como resultados, buscamos apresentar exemplos práticos no interior das narrativas a fim de apresentar como possibilitar um ensino e uma aprendizagem na fase de alfabetização e letramento de forma inclusiva, principalmente no que se refere ao quando o docente necessita estar verdadeiramente qualificado para atuar com inclusão. Para tanto, foi necessário analisar os processos formativos para que fossem respeitadas as singularidades de cada estudante, efetivação do protagonismo estudantil, a afetividade e empatia mediante as atividades realizadas. A partir daí, ficou evidente a necessidade de o professor ter vez e voz no ambiente escolar, não somente mediante as intervenções realizadas em sala de aula, mas também ao considerar as trocas de ideias, experiências entre os pares e gestão escolar. Vale destacar que o professor, independente da área de formação, venha a refletir acerca das ações educativas tornando-se assim um pesquisador não somente dos conhecimentos científicos, mas também a partir do que ocorre na sala de aula, na escola e na educação de um modo geral.

Palavras-chave: processos formativos; práticas; alfabetização; letramento; inclusão.

ABSTRACT

Formative processes: literacy and literacy practices from the perspective of school inclusion

This research was carried out in the Postgraduate Program in Education at the Universidade do Oeste Paulista (PPGE/Unoeste), in Research Line 01: Public Policies in Education, training processes and diversity. The problem addressed in this research arose, a priori, from a documentary research of Brazilian Laws related to the right to education and inclusion and from observations of the researcher as the mother of a student inserted in a traditional teaching context, feeling uncomfortable and always passionate about the world of inclusive education, she decided to study pedagogy in 2017. During the four years of my degree, I was already thinking about a pedagogical proposal to demystify the negative view of inclusion in education. In view of the above, the study's general objective is to analyze training processes, exploring the possibilities for teaching practice in literacy, literacy and inclusion, from an autobiographical perspective, and to achieve this objective, we propose the following specific objectives: To identify in official educational documents (national and municipal) and in the literature materials that address training for literacy and literacy practices that enable inclusion; To reflect on the central elements in child development related to literacy, literacy and inclusion, contrasting the researcher's pedagogical practices with the legal documents and the literature on training processes; To raise indicators for training processes related to literacy and literacy with a view to inclusion. This study adopts a qualitative approach, using documentary and (auto)biographical research, because this method allows us to understand and perceive the emotions and experiences lived in the context in which they are inserted, allowing the teacher-protagonist to share her personal experiences and perspectives on training processes, literacy and literacy practices, and school inclusion. This approach aims to provide a deeper and more contextualized understanding of the challenges and achievements faced by the teacher in her daily life. Considering the research approach adopted for this study, the following procedures were contemplated: the state of knowledge; documentary analysis; the writing of narratives by the researcher herself. As a way of anchoring this study, a critical reflective analysis was outlined of the instabilities and setbacks presented by current and previous educational policies and, above all, regarding teaching and educational practice for inclusion in the school context. As a result, we sought to present

practical examples within the narratives in order to show how to enable inclusive teaching and learning in the literacy and literacy phase, especially with regard to when teachers need to be truly qualified to work with inclusion. To this end, it was necessary to analyze the training processes so that the singularities of each student were respected, student protagonism was made effective, and affectivity and empathy were fostered through the activities carried out. From this, it became clear that teachers needed to have a voice in the school environment, not only through the interventions carried out in the classroom, but also by considering the exchange of ideas and experiences between peers and school management. It is worth emphasizing that teachers, regardless of their area of training, should reflect on their educational actions, thus becoming researchers not only of scientific knowledge, but also of what happens in the classroom, at school and in education in general.

Keywords: training processes; practices; literacy; literacy; inclusion.

LISTA DE SIGLAS

AAP -	Avaliação da Aprendizagem em Processo
AC -	Abordagem Comunicativa
ATPC -	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
BDTD -	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
BIOGraph -	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica
BNCC -	Base Nacional Comum Curricular
CIPA -	Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica
DCN -	Diretrizes Curriculares Nacionais
ECA -	Estatuto da criança e adolescentes
LBI -	Lei Brasileira de Inclusão
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC -	Ministério da Educação e Cultura
PNE -	Plano Nacional de Educação
PPP -	Projeto Político Pedagógico
PROUNI -	Programa Universidade para todos
Unoeste -	Universidade do Oeste Paulista

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Sistematização do problema, objetivos da pesquisa e fontes de coleta de dados 38
- Quadro 2 – Sistematização das pesquisas encontradas com os descritores alfabetização e inclusão e formação e pesquisa autobiográfica 43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Seção 1: Interação e socialização.....	63
Figura 2 - Seção 1: Alfabetizando ludicamente	67
Figura 3 - Seção 2: Alfabetizando ludicamente	68
Figura 4 - Seção 3: Porque brincar é bom, mas aprender brincando é melhor	69
Figura 5 - Seção 4: Porque brincar é bom, mas aprender brincando é melhor	69
Figura 6 - Seção 5: Coordenação e concentração	70

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	15
2	INTRODUÇÃO	19
2.1	Justificativa e relevância da pesquisa	20
2.2	Pergunta de pesquisa	29
2.3	Objetivos	29
2.4	Resumo analítico da dissertação	29
3	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	32
3.1	Procedimentos metodológicos da pesquisa	33
3.2	Estado de conhecimento	39
3.3	Memorial e narrativas escritas	39
3.4	Portfólio e registro das atividades	40
3.5	Registro das práticas adaptadas e discussão dos resultados	40
4	ESTADO DO CONHECIMENTO	41
5	NARRATIVA DA PESQUISADORA PARA INCLUSÃO, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	56
5.1	Formação docente	61
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICES	85
	APÊNDICE A - PRIMEIRO PLANO DE ENSINO	86
	APÊNDICE B - PLANO DE AÇÃO	101
	APÊNDICE C - PLANO DE ENSINO (2022)	109
	ANEXOS	116
	ANEXO A - MODELO DE PLANO DE ENSINO A SER SEGUIDO	117
	ANEXO B - MODELO DE PLANO DE AÇÃO (2023)	127

1 APRESENTAÇÃO

A incumbência de escrever sobre minha vida pessoal, trajetória escolar e universitária me exigiu uma ação complexa de rememorar e relembrar, cujos movimentos discursivos me levaram a refletir sobre eu mesma e minha subjetividade, em um espaço potencialmente interpretativo.

Redigido em plena maturidade, esta contextualização busca identificar uma etapa concreta de minha vida o percurso profissional e para tanto assinalo, no transcurso da escrita, as situações que julguei as mais significativas.

Nasci no Brasil por volta das 12:30 do dia 29 de março de 1980, na cidade de Presidente Prudente- SP. Fui criada no seio de uma família amorosa, cujos valores mais importantes eram o respeito ao próximo e a honestidade, brincava e estudava com crianças de vizinhos de diferentes classes sociais e etnias, e, assim, desde cedo aprendi a não julgar ninguém por sua condição social, religiosa ou étnica, mas pelo caráter e comportamento. Neste clima passei minha infância, preservada das turbulências inevitáveis que ocorreram no seio familiar e social da época.

Aos sete anos de idade ingressei na Dr. Moacyr Teixeira na cidade de Estrela do Norte-SP, escola pública, de ensino fundamental e médio. Conclui o primeiro ano totalmente alfabetizada e encerrei este ciclo sem nenhuma reprovação. Foram meus primeiros passos para o mundo misterioso do saber acadêmico. Destaco aqui a maravilhosa e inesquecível professora Dalila, do meu primeiro ano, um modelo de educadora, que tão bem sabia aliar o afeto com o ensinar. Tive a felicidade de reencontrá-la recentemente, bela, lúcida, vivaz e alegre, nos seus 78 anos, 40 dos quais dedicados ao ensino público. Passados todos esses anos, recebeu-me em sua casa com todo carinho como se ainda fosse aquela estudante pequenina do ensino fundamental, ingressei no Ensino médio na escola Liria Yurico Sumida, na cidade de Sandovalina-SP escola pública, possuía um complexo esportivo extraordinário e tínhamos acesso a todas as atividades. Participávamos ativamente do grêmio estudantil e realizávamos passeatas contestatórias memoráveis pelas ruas da cidade. Destaco que a escola tinha uma biblioteca muito bem suprida, e dela eu era uma frequentadora assídua, pois desde muito pequena tinha grande gosto e prazer pela leitura.

Ao terminar o ensino médio, queria cursar o magistério mas não foi possível porque no ano de 2003 não havia mais o magistério no meu município, pois foi neste

período que os cursos de magistério começaram a serem extinguidos das escolas regulares passando a serem ofertados somente em unidades escolares como o CEFAM e a unidade mais próxima da minha cidade era uma distância de mais 50 Km que me impossibilitava de ir pois não havia transporte, então escolhi a formação em Tecnóloga de Química em Alimentos no qual cursei no Instituto de Osvaldo Cruz-SP concluindo sem nenhuma reprova.

Mais tarde, como tecnóloga, pude verificar o quanto fui privilegiada em cursar nessa escola normal de segundo grau, mas com *status* de ensino universitário.

Para mim, e creio que para a maioria dos estudantes daquela época, conseguir uma formação não era fácil pois tínhamos que trabalhar desde bem cedo para ajudarmos nossos pais. Foi e é motivo de orgulho, dada a excelência de seus professores, a integralidade de seus conteúdos e a formação humanista, em que o ensino não se limitava à transmissão de informações e ao desenvolvimento de capacidades. Buscava-se o compromisso de cultivar princípios éticos, como o respeito aos direitos humanos e o social, o exercício do espírito criativo e crítico, que complementava a formação familiar.

Não recorro de um único professor que nos impusesse o seu modo de pensar. Ao contrário, sempre fui provocada a argumentar entre pontos de vista divergentes, desenvolvendo uma “dúvida metódica”, não exatamente a cartesiana, que me acompanha e me acompanhou em minha trajetória profissional, se conseguiria desenvolver com excelência minha profissão. Acredito que a contraposição e a contradição de ideias que levam a outras ideias contribuem para aniquilar preconceitos, ideologias e manipulações muitas vezes realizadas dentro do próprio espaço educacional.

No ano de 1997, me casei e um ano depois nasceu meu primeiro filho, comecei a trabalhar na área da educação na cidade de Sandovalina-SP em que neste período residia. Passaram-se 4 anos e meu filho ingressou na vida escolar, foi aí que surgiu a necessidade de buscar mais conhecimentos na área da pedagogia, pois meu filho precisava da minha ajuda por ter nascido com um cisto de aracnoide no lado esquerdo do cérebro e sempre tinha que faltar as aulas. Mas, o que me levou profundamente para o mundo da pedagogia foi situações que vivenciei com meu filho que me marcaram muito. Com o passar dos anos, ao acompanhar a vida escolar do meu filho, presenciei certas situações com ele que eram revoltantes, sempre deixado de lado, nunca estimulado, muito menos respeitado, sempre tratado com indiferença pela

sua condição especial. Devido essa triste situação e a necessidade de auxiliar meu filho na aprendizagem, comecei a buscar cada dia mais conhecimento nesta área. Nesse processo, observava que a complementariedade entre família e escola era essencial, visto que a família educa para a vida e a escola para a sociedade. Sem dúvida, foi neste tempo de escolaridade, aliado à formação familiar, é que se estabeleceram os fundamentos de meu caráter e meu modo de ser pessoal e profissional. Perante a situação vivenciada, sentindo-me incomodada e sempre apaixonada pelo mundo da Educação inclusiva, decidi fazer uma outra graduação, com isso comecei a refletir ainda mais sobre a prática e didática dos meus professores. Além disso, ao longo dos quatros anos da graduação, já idealizava uma proposta pedagógica de trabalho a fim de desmistificar a visão negativa da inclusão na educação, vivenciada enquanto mãe.

Assim, no ano de 2017 ingressei na graduação em pedagogia na Universidade do Oeste Paulista- Unoeste na cidade Presidente Prudente – SP, com bolsa integral pelo PROUNI e daí em diante dei espaço para o que sentia dentro de mim, e sabia ser a coisa certa, não me arrependo da escolha, pois apesar dos percalços enfrentados com um longo tratamento de um tumor na garganta sei que fiz a melhor escolha, todos esses acontecimentos bons ou ruins até o momento só serviram para me fortalecer no meu objetivo que é me tornar uma pedagoga.

Quero frisar bem que todos professores que me ajudaram e ainda ajudam foram primordial para que esse sonho fosse concluído, mas tenho que dizer que quatro professores me marcaram de mais até o momento, uma pessoa maravilhosa professora Denise um ser que tem que ser estudada por sua generosidade ,amor e dedicação para com seus alunos, também destaco aqui as professoras Marta, Marília e o professor Ademir que nos momentos piores que passei sempre me ajudaram e me estimularam a não desistir, sou grata a Deus e a Unoeste por colocar cada um de vocês em minha vida .Durante a minha graduação comecei um projeto de pesquisa sobre Alfabetização na Educação Infantil, esse desejo surgiu por causa do que vivenciei com meu filho, pois a intenção deste projeto era focar na prática docente enquanto professores alfabetizadores. Ao finalizar a graduação, em 2022 ingressei no programa de Mestrado em Educação da Unoeste como aluna regular, comecei a aprofundar os estudos em minha pesquisa sobre Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e as intervenções das Políticas Públicas Interlocações entre Práticas e Formação Docente. No mestrado além dos conhecimentos relacionados ao meu objeto de estudo,

também tive contato com outros conhecimentos para cumprimento dos créditos necessários para a conclusão do curso, conhecimentos estes que a cada aula assistida aumenta ainda mais o desejo de compreender o mundo que me cerca e os processos e possibilidades de aprendizagem. Desse desejo veio a necessidade de buscar mais conhecimentos para melhor compreender o processo de alfabetização e inclusão. E desse anseio surgiu o projeto de pesquisa **Processos Formativos: Práticas de Alfabetização e Letramento na Perspectiva da Inclusão Escolar**.

2 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa mergulhou na complexa realidade do ensino inclusivo na educação formal no contexto escolar, analisando as políticas educacionais vigentes e as práticas pedagógicas que buscam atender às necessidades de estudantes com diferentes características e desafios na alfabetização. A investigação buscou compreender como a inclusão se materializa em sala de aula, os desafios enfrentados pela professora (pesquisadora) e as estratégias necessárias para um ensino de qualidade para todos, a partir da vivência da pesquisadora.

Considerando a abordagem da investigação adotada para este estudo, os seguintes aspectos foram contemplados: o estado do conhecimento; a análise documental; a escrita de narrativas pela própria pesquisadora.

A narrativa da pesquisadora sobre suas atividades para a alfabetização e inclusão foram analisadas, com base em sua experiência profissional e em fundamentação teórica.

Como forma de ancorar este estudo, foi delineada uma análise crítico reflexiva das instabilidades e contrariedades apresentadas pelas políticas educacionais vigentes e anteriores. Elas foram analisadas, quanto ao processo formativo onde a pesquisadora está inserida, sobretudo no que se refere ao ensino e prática para alfabetização e letramento, principalmente sobre as possibilidades inclusivas no contexto escolar.

Como forma de justificar a pertinência da escolha da pesquisa autobiográfica a partir das narrativas de si (professora e pesquisadora), buscamos aprofundar o interesse nesta perspectiva teórico-metodológica

Apesar de não ser tão recente tal abordagem na academia, ainda suscitam discussões e críticas em torno da constatação no campo das Ciências Humanas e Sociais como algo plausível de verificação e autenticidade. Entretanto, é possível resgatar historicamente pesquisadores renomados e pioneiros que deram início aos estudos referentes a pesquisa autobiográfica na América do Norte e em boa parte da Europa. Dentre eles, podemos elencar: Gaston Pineau; Maria-Christine Josso; Pierre Dominicé; António Nóvoa. Assim, podemos vislumbrar a ideia de que os próprios docentes se tornam sujeitos e objetos de formação dentro dos espaços da pesquisa autobiográfica. Além disso, é importante destacar a relevância da pesquisa autobiográfica pelo fato de que conforme Nóvoa (2007, p.18) a “utilização contemporânea

das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das Ciências Sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos moldes de conhecimento científico”. Corroborando com a abrangência e pertinência desses novos moldes de pesquisa acadêmica e, em específico, a partir de situações concretas embasadas pelas experiências vivenciadas pelo narrador-pesquisador em meio ao processo de reflexão e reconstrução profissional e docente na ação educativa:

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçam para administrar essa situação e até mesmo para superá-la. (Bertaux, 2010, p. 27).

A temática abordada nesta dissertação partiu a priori enquanto mãe e profissional da educação, mais particularmente, a partir de experiências pessoais, pedagógicas vivenciadas junto às instituições educacionais.

2.1 Justificativa e relevância da pesquisa

Convém destacar que o foco central das pesquisas encontradas está voltado para o que os professores pensam sobre inclusão correlacionada à ausência de apoio da gestão escolar, às políticas educacionais inconstantes, aos recursos e materiais didático-pedagógicos ineficientes.

A história da inclusão na educação é marcada por avanços e retrocessos. Durante décadas, as escolas se mantiveram segregadas, com as pessoas com deficiência sendo excluídas do sistema educacional tradicional. Em países, como a Inglaterra, a inclusão começou a ser discutida no século XIX, com a criação de escolas especiais para crianças com deficiência. No Brasil, a inclusão na educação ganhou força a partir da década de 1990, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Brasil, 1996b), que reconhece o direito à educação para todos. Além de promover a educação inclusiva, também permite o atendimento especializado, o que pode ser visto como uma contradição ao princípio de igualdade.

A discussão sobre inclusão escolar gira em torno da integração de pessoas com deficiência tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. De acordo com o Art. 205 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), "a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." Este princípio afirma que a educação deve ser baseada na aceitação das diferenças e na valorização do indivíduo, independentemente de suas características físicas ou psíquicas.

A inclusão, portanto, busca garantir que todos tenham os mesmos direitos e deveres, promovendo um ambiente que favoreça o crescimento e a valorização das diferenças, especificidades e potencialidades de cada um.

Historicamente, pessoas com deficiência eram afastadas do convívio social devido a crenças de que suas diferenças eram maldições ou marcas de demônios, como destacado por Mittler (2000, *apud* Santana, 2003). Isso levou à segregação e ao preconceito, marcando o início da trajetória da Educação para pessoas com deficiência.

Antes do século XX, a "fase da exclusão" era caracterizada pela ausência de oportunidades educacionais para pessoas com deficiência, que eram frequentemente enviadas para instituições filantrópicas religiosas ou asilos. A "fase da segregação" no século XX trouxe a inserção dessas pessoas em grandes instituições que buscavam alfabetizá-los. Com o movimento dos anos 1950 e 1960, impulsionado pelos pais que buscavam a inclusão de seus filhos em escolas comuns, surgiu a ideia de que a deficiência era um problema individual, e que a solução era capacitar a pessoa com deficiência para reintegrar a sociedade. Isso levou à criação de escolas e classes especiais.

Nos anos 1970, surgiu a "fase da integração", na qual se acreditava que a integração ocorreria quando o aluno com deficiência se adaptasse ao sistema escolar sem modificações significativas. No entanto, essa abordagem excluía aqueles que não conseguiam se adaptar. Durante os anos 1980, a ideia de adaptar o sistema escolar às necessidades dos alunos começou a ganhar força, com documentos como a Declaração de Salamanca, a Carta para o Terceiro Milênio e outros reconhecendo a importância da acessibilidade e da educação de qualidade para todos.

A Declaração de Salamanca de 1994, adotada por mais de 300 participantes de 92 países e 25 organizações internacionais, é um dos documentos mais abrangentes sobre inclusão, afirmando que a Educação Inclusiva deve abranger todas as pessoas com necessidades educacionais especiais, não apenas aquelas com deficiência.

A filosofia da inclusão, portanto, não admite exceções e propõe uma educação que valorize as diferenças e dê acesso a todas as necessidades individuais.

Na década de 1990, o Brasil deu um passo importante com a promulgação da LDB em 1996 (Brasil, 1996a), que estabeleceu a educação inclusiva como um princípio fundamental. A década de 2000 trouxe avanços com o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001 e diretrizes nacionais de educação especial de 2005, consolidando a inclusão como um direito legal e exigindo adaptações nas escolas para atender às necessidades dos estudantes com deficiência.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos e outras convenções internacionais reafirmam que a inclusão é um direito fundamental e não um favor. No entanto, muitas vezes, a implementação prática da inclusão enfrenta desafios devido à falta de preparação das escolas e infraestrutura inadequada. Portanto, para a inclusão escolar ser efetiva, é necessário que as escolas adaptem seus currículos, métodos e recursos, e que o governo assegure essas mudanças.

A legislação brasileira, como a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, reforça a igualdade de acesso e permanência na escola, incluindo o atendimento especializado.

A década de 2010 aprofundou o debate sobre inclusão e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015 garantiu direitos e proteção para pessoas com deficiência em diversas áreas, incluindo a educação. Esta lei é um marco importante, assegurando acesso à educação, trabalho, saúde e cultura para todos, sem discriminação.

A proposta atual do MEC visa garantir que classes especiais atuem em conjunto com o ensino regular, promovendo oportunidades iguais e uma educação de qualidade para todos.

A inclusão, assim, é um compromisso contínuo que exige esforço para ser efetivado em todas as áreas da educação e da sociedade.

Adotar a seguinte Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência: Reafirmando que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que esses direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano (Brasil, 1999a).

Dando continuidade à citação da Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência, é essencial ressaltar o compromisso dos Estados em adotar medidas para garantir que essas pessoas possam exercer plenamente seus direitos e liberdades. Essas medidas incluem a eliminação de barreiras físicas, sociais, culturais e de comunicação, além de assegurar a plena participação na vida social, econômica, política e cultural. A Convenção de Guatemala, de 1999 (Brasil, 1999b), reforçou a necessidade de políticas públicas inclusivas e acessíveis que promovam a igualdade de oportunidades, a não discriminação e o respeito à dignidade de cada indivíduo, independentemente de sua deficiência.

A partir destas políticas e orientações, a alfabetização e o letramento são pilares fundamentais na formação educacional e no desenvolvimento social de qualquer nação. A elaboração e implementação de políticas educacionais, bem como a estruturação de um currículo adequado, são instrumentos essenciais para garantir o direito à educação de qualidade e o acesso ao conhecimento, conforme estabelecido em legislações nacionais e internacionais.

As políticas públicas voltadas para a alfabetização e o letramento são regidas por diretrizes legais que buscam assegurar o direito à educação para todas as pessoas, independentemente de suas condições socioeconômicas, culturais ou físicas. No Brasil, a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, são dos marcos legais que estabelecem a educação como um direito fundamental, garantindo o acesso à alfabetização para todas as crianças, adolescentes e adultos. Essas legislações ressaltam o papel do Estado em promover a educação inclusiva, estabelecendo metas e programas que atendam às necessidades de aprendizagem em diversas fases da vida, incluindo programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e políticas de alfabetização nas séries iniciais. Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) e outras iniciativas como o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) têm como objetivo erradicar o analfabetismo e promover o letramento de forma integrada ao currículo escolar. A orientação do currículo escolar é crucial para o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento que sejam inclusivas e contextualizadas. O currículo deve ser construído de forma que respeite as especificidades culturais e regionais dos estudantes, considerando suas experiências de

vida e os desafios sociais que enfrentam. No Brasil, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta as instituições de ensino sobre os conteúdos e competências essenciais que devem ser trabalhados ao longo da educação básica, com ênfase na alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental.

A BNCC destaca a alfabetização como prioridade nos dois primeiros anos da educação infantil e do ensino fundamental, abordando tanto o domínio da leitura e escrita quanto o desenvolvimento da consciência crítica por meio do letramento. Dessa forma, os professores são orientados a trabalhar com práticas pedagógicas que integrem a alfabetização às demais áreas do conhecimento, promovendo o uso da linguagem de maneira significativa, funcional e contextualizada.

A distinção entre alfabetização e letramento é fundamental no contexto pedagógico. Segundo Soares (2004a), a alfabetização concentra-se no aprendizado das habilidades técnicas de leitura e escrita, enquanto o letramento abrange o uso social dessas habilidades de forma crítica e reflexiva. Nesse sentido, a alfabetização funcional deve estar articulada ao desenvolvimento de competências letradas, permitindo que os alunos aprendam não apenas a decodificar palavras, mas também a interpretar, compreender e aplicar o conhecimento em situações cotidianas (Soares, 2004b).

Segundo o pensamento de Soares (2004a), políticas educacionais eficazes devem integrar ambos os conceitos com o objetivo de formar cidadãos capazes de participar ativamente da sociedade, exercendo plenamente seus direitos e deveres. Isso exige que o processo de ensino e aprendizagem vá além do domínio técnico da leitura e escrita, abordando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais que promovam o engajamento crítico dos estudantes em diferentes contextos.

Um dos grandes desafios das políticas de alfabetização e letramento é garantir a inclusão social e educacional de todos os grupos, especialmente daqueles que historicamente foram marginalizados, como pessoas com deficiência, populações indígenas e comunidades de baixa renda. As políticas educacionais devem ser acompanhadas de ações afirmativas, formação continuada para professores e monitoramento constante das práticas pedagógicas.

Segundo Brasil (2008) nos últimos anos, avanços significativos foram realizados com a implementação de programas nacionais e regionais que visam à formação de professores e à adaptação curricular para atender às necessidades de cada estu-

dante, além de políticas de acesso ao material didático adequado e à educação inclusiva. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a universalização da alfabetização e do letramento no Brasil, de forma que esses direitos sejam assegurados a todos, sem distinção.

Portanto, a integração entre políticas educacionais, a orientação curricular e a prática pedagógica de alfabetização e letramento é fundamental para promover uma educação de qualidade e inclusiva. A legislação vigente e os programas voltados para a alfabetização e o letramento são marcos importantes, mas é necessário garantir que suas diretrizes sejam implementadas de maneira que atenda a demanda vigente, com atenção às necessidades de todos os estudantes. O desenvolvimento de competências letradas vai além da simples capacidade de ler e escrever: envolve a formação de cidadãos críticos, capazes de transformar a sociedade em que vivem.

Pautando em Soares (2004a), idealizamos a alfabetização como um método de aprendizagem necessárias para que ocorra o ato de ler e escrever, e o letramento como uma condição do sujeito que congrega práticas sociais de leitura e escrita. Seguindo essa visão alfabetização e letramento não são parecidos, pois são dois processos diferentes, mas que ocorrem de forma indissociável.

[...] a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (Soares, 2004b, p.14).

A inclusão deve ser concebida e compreendida em todos os seus aspectos, portanto a ideia de formação docente associado às práticas de alfabetização para a inclusão é um ponto de grande relevância na pesquisa por meio de cogitações e informações que levou ao verdadeiro aspecto desta pesquisa.

O docente que está em constante formação procurará trabalhar com a diversidade em sala de aula de forma que possibilite uma educação inclusiva e igualitária.

Enquanto professora atuante no ensino fundamental, observo uma grande preocupação na área de “Alfabetização e Letramento na Prática e Formação Docente, inclusão”. Porém ainda existem inúmeras questões postas no que se refere sobre como está ocorrendo, como os professores estão sendo formados. No entanto o objetivo deste estudo é pensar na importância dos processos formativos para a alfabetização e letramento dos estudantes sob a ótica da pesquisadora, para que não fique

apenas no âmbito produtivo e sim para embasamento e desenvolvimento que alinhados a prática possam auxiliar na desconstrução dos olhares fixos não se atentaram para novas possibilidades e oportunidades.

Diante desse cenário, é crucial refletir sobre como os processos formativos dos professores estão diretamente ligados à qualidade da alfabetização e letramento dos estudantes. Embora haja um vasto campo de produção teórica e prática na área, ainda enfrentamos desafios significativos no que diz respeito à implementação dessas práticas no cotidiano escolar. A formação docente precisa ser repensada de forma que, ao invés de reproduzir modelos tradicionais, se alinhe às novas demandas sociais, tecnológicas e pedagógicas. A pandemia, por exemplo, revelou a urgência de explorar novas metodologias e ferramentas que possam contribuir para uma educação mais inclusiva e adaptada às realidades contemporâneas. Nesse sentido, torna-se fundamental questionar sobre os processos formativos voltados para a alfabetização e o letramento de forma inclusiva.

Segundo Mantoan (2015) a inclusão escolar é essencial para garantir que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças e necessidades, tenham acesso ao aprendizado e desenvolvam habilidades em leitura e escrita.

Soares (2004a) enfatiza que a alfabetização e o letramento são cruciais para o desenvolvimento do estudante, por isso é necessário que ocorra de forma inclusiva, necessitando que os professores estejam em constante formação para promover a valorização das diferenças, compreendendo as singularidades dos estudantes, possibilitando o afloramento de suas potencialidades e interesses.

Para tanto, sendo assim ênfase e que é necessário que o professor saiba propor atividades que possibilite que os seus estudantes, consigam se desenvolver a partir das suas características e ritmos de aprendizagem, incentivando a interação e a colaboração entre os estudantes, promovendo atividades que possibilitam a troca de experiências e conhecimentos. Utilizando recursos e materiais pedagógicos variados e acessíveis, ampliando as formas de comunicação e expressão dos estudantes.

Sempre que possível oferecer suporte e acompanhamento, com auxílio do especialista, quando necessário, para garantir o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

O contexto da prática e da formação docente no Brasil tem sido marcado por controvérsias que se estendem desde suas origens históricas, passando por influências políticas e educacionais até os dias de hoje. Essas controvérsias refletem as transformações significativas na prática pedagógica e nos documentos normativos, que, apesar dos desafios, impactam o trabalho docente no cenário nacional, especialmente no âmbito das escolas públicas. Essa nova perspectiva de ensino adota uma abordagem ampla e integral para o desenvolvimento do estudante, priorizando métodos que promovem a alfabetização e o letramento de forma inclusiva. Alinhada às competências gerais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essa abordagem contempla habilidades específicas para a alfabetização inclusiva, promovendo atividades pedagógicas que atendam às necessidades e potencialidades de cada aluno (Brasil, 2017).

De acordo com a BNCC, é essencial garantir o acolhimento de todos os estudantes – crianças, adolescentes, jovens e adultos – com respeito e atenção adequada, especialmente para aqueles com deficiência (Brasil, 2009a, p. 17). A BNCC integra a política curricular nacional, enfatizando que cada instituição deve desenvolver ou revisar seus currículos e, a partir disso, elaborar seu Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Proposta Pedagógica, levando em conta as necessidades, interesses e potencialidades de cada estudante.

A organização do trabalho pedagógico, deve considerar o cotidiano escolar, deve promover a equidade, reconhecendo que as necessidades dos estudantes são diversas. Portanto, as práticas pedagógicas devem ser diferenciadas para possibilitar a inclusão de todos. Para promover práticas educativas inclusivas, é necessário um compromisso em reverter as situações de exclusão histórica que ainda afetam pessoas com deficiência em nos contextos educacionais.

Exige-se, pois, problematizar o desenho organizacional da instituição escolar, que não tem conseguido responder às singularidades dos sujeitos que a compõem. Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso e considere a diversidade humana, [...] dos grupos historicamente excluídos. [...] todos que compõem a diversidade que é a sociedade brasileira e que começam a ser contemplados pelas políticas públicas (Brasil, 2009a, p. 16).

Na busca por promover mudanças significativas de formações de professores, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) reforçam a importância da relação entre

cuidar e educar nos processos educativos, destacando sua contribuição para o desenvolvimento integral do ser humano, independentemente de suas especificidades.

Cuidar e educar significa entender que o direito à educação está fundamentado na formação da pessoa em sua essência humana. Isso implica acolher todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – com respeito e atenção, especialmente os estudantes com deficiência (Brasil, 2009b, p. 17).

Com base nesse entendimento, é fundamental pensar em uma educação que acolhe, cuida e zela por todos, que valoriza as diferenças humanas e integra igualdade de oportunidades e diversidade como valores inseparáveis, alinhando-se à ideia de equidade. Nesse contexto, as DCN (Brasil, 2009b) enfatizam que a educação voltada para estudantes com deficiência deve ser orientada por princípios éticos, políticos e estéticos, garantindo a dignidade humana e o direito de cada estudante de realizar seus projetos de vida, estudo e trabalho, com autonomia e independência.

É necessário, portanto, implementar ações que tornem a inclusão de todos uma realidade no processo educativo, integrando essa prática no cotidiano escolar e permitindo que os estudantes com deficiência sejam reconhecidos por suas potencialidades, em vez de suas limitações. Esse é um grande desafio que precisa ser refletido e discutido entre os profissionais da educação, para que se possam questionar e problematizar as realidades vivenciadas pelos estudantes com deficiência, buscando mudanças urgentes e a concretização de uma educação inclusiva e equitativa.

De acordo com Fiamengui (2009), as políticas educacionais vigentes no país podem limitar o trabalho do professor por meio de avaliações externas, dificultando um processo educativo emancipatório. O professor acaba sendo reduzido ao papel de aplicador de métodos prescritos por "intelectuais" da educação, que frequentemente ignoram as realidades locais de cada escola.

Diante de tantas mudanças nas políticas educacionais, pretendemos fazer observações relevantes que contribuam para pesquisas voltados para o tema ligado a alfabetização e ao letramento, com base na minha trajetória profissional docente. A análise dos resultados será realizada a partir da narrativa da pesquisadora, cotejando-a com a bibliografia, políticas e orientações curriculares. Serão levantados indicadores para os processos de alfabetização e letramento para apresentar caminhos para a inclusão e os processos formativos, considerando o PPP da escola.

Dessa forma, propomos:

- Diálogos em sala de aula, apresentando os benefícios dos processos formativos na vida pessoal e profissional;
- Mudanças constantes na minha prática pedagógica, desmistificando a ideia de ineficácia do professor em relação à inclusão escolar, mesmo diante de situações peculiares e condições precárias de trabalho;
- Enfrentamento da desvalorização profissional e da ausência de recursos materiais e tecnológicos.

2.2 Pergunta de pesquisa

Diante do que foi apresentado a pergunta da pesquisa é: De que forma minha trajetória formativa e experiência como professora alfaletradora pode contribuir para desenvolver práticas de alfabetização e letramento inclusivas, acessíveis a todos os estudantes?"

2.3 Objetivos

O objetivo principal desta dissertação é: Analisar as possibilidades para a prática docente na alfabetização, letramento e inclusão, a partir de uma perspectiva autobiográfica, apontando caminhos para os processos formativos.

Para alcançar esse objetivo, propomos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar nos documentos educacionais oficiais (nacionais e municipais) e na literatura materiais que abordem a formação para práticas de alfabetização e letramento que possibilitem a inclusão;
- Refletir sobre os elementos centrais no desenvolvimento infantil relacionados à alfabetização, letramento e inclusão, contrapondo as práticas pedagógicas da pesquisadora com os documentos legais e a literatura sobre processos formativos;
- Levantar indicadores para os processos formativos relacionados à alfabetização e letramento com vistas à inclusão.

2.4 Resumo analítico da dissertação

Como continuidade da pesquisa, o Capítulo 3 abordará: **Delineamento da Pesquisa:** Neste capítulo, será discutido o tipo de pesquisa realizada, os objetivos principais e o referencial teórico que guia a investigação. O leitor entenderá como a

pesquisa foi planejada e organizada, além dos métodos usados para alcançar os objetivos propostos. Também serão explicadas as justificativas para a escolha da metodologia aplicada. Apontando os seguintes pontos:

Procedimentos Metodológicos: Serão detalhados os métodos e técnicas utilizados na coleta e análise de dados. Aqui, o leitor verá a descrição dos processos como levantamento bibliográfico, pesquisa documental, análise de conteúdo e a forma como as memórias autobiográficas foram tratadas. Serão abordadas as escolhas metodológicas, como a combinação de narrativas pessoais e a análise de resultados educacionais.

No capítulo 3, será apresentado o **Levantamento Bibliográfico**, ou seja, a revisão de literatura relevante sobre os temas centrais da pesquisa, como alfabetização, inclusão escolar e narrativas autobiográficas. O leitor terá uma visão geral do que já foi produzido no campo, identificando as principais referências e como elas dialogam com o problema investigado.

No capítulo 4, será apresentada a **Pesquisa Documental**, que será descrita com a explicação dos documentos analisados, como registros escolares, legislação, materiais didáticos e outros documentos educacionais relevantes. Será explorado como esses materiais contribuem para o entendimento dos desafios e avanços na alfabetização, no letramento e na inclusão.

No capítulo 5, será descrita a **Narrativa: Atividades para a Alfabetização e Inclusão**, que apresentam as atividades práticas voltadas para a alfabetização, letramento e inclusão que foram implementadas ou analisadas no contexto da pesquisa. O leitor verá exemplos de abordagens pedagógicas e intervenções realizadas na sala de aula, bem como a avaliação de suas efetividades no processo de inclusão de estudantes.

Análise dos Resultados: Este capítulo trará a análise detalhada dos resultados obtidos, cruzando as informações colhidas nas fontes documentais, bibliográficas e nas memórias autobiográficas. O leitor terá uma compreensão mais aprofundada sobre os principais achados da pesquisa e as implicações desses resultados para a prática docente e a educação como um todo.

Memórias Pessoais e Profissionais: Narrativas Autobiográficas: Nesse capítulo, serão apresentadas as narrativas autobiográficas, onde as experiências pessoais e profissionais serão analisadas e contextualizadas. O leitor compreenderá

como as vivências do autor se entrelaçam com os temas de alfabetização e inclusão, trazendo reflexões profundas sobre a prática educativa e a trajetória de vida do pesquisador.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, exploramos os processos formativos, as práticas de alfabetização e letramento, com foco na perspectiva da inclusão escolar. Abordaremos conceitos-chave, estratégias pedagógicas e o papel fundamental do professor na promoção de uma educação acessível e equitativa para todos os estudantes. Este estudo adota uma abordagem qualitativa por meio da pesquisa (auto) biográfica, pois essa metodologia permite compreender e captar as emoções e experiências vivenciadas no contexto em que os indivíduos estão inseridos (Abrahão, 2004). Essa abordagem facilita que a professora-protagonista compartilhe suas vivências pessoais e perspectivas sobre os processos de formação, práticas de alfabetização e letramento, além da inclusão escolar. Busca-se, portanto, uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos desafios e conquistas enfrentados pela docente em seu cotidiano.

Segundo Abrahão e Frison (2010) a pesquisa autobiográfica é um estudo do sujeito que visa conhecer a sua trajetória de vida pessoal e profissional, as significações que o próprio sujeito constrói sobre si e descrever momentos significativos na sua vida, assim como as suas relações pessoais. Para Bertaux (2010), a pesquisa autobiográfica pode utilizar diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, mas reconhece-se dependente da memória.

Esses pesquisadores apontam que a pesquisa autobiográfica pode ser considerada um objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. Em seguida, foi conduzida uma pesquisa documental, que, conforme Gil (2008), se assemelha à pesquisa bibliográfica, diferenciando-se pela natureza das fontes, que são materiais ainda não analisados ou que podem ser reelaborados conforme o objeto de pesquisa. Existem também documentos que, embora já processados, podem receber novas análises e interpretações.

A análise documental é uma técnica de coleta de dados que envolve diversos tipos de documentos e pode ser utilizada como método complementar a entrevistas, questionários e observação. Segundo Cellard (2008, p. 303), a análise documental é o “momento de reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave”. No entanto, Cellard (2008, p. 299) ressalta a importância de utilizar essa técnica com cautela, avaliando a documentação de forma crítica e cuidadosa.

Cellard (2008), em "A análise documental", discute o uso da análise documental como uma metodologia de pesquisa, enfatizando sua aplicabilidade em estudos sobre a formação de professores e práticas docentes. Ele aborda os critérios para a coleta e análise de documentos, o que permite uma compreensão mais profunda das práticas institucionais e dos registros históricos relacionados à educação e formação profissional.

Libâneo (2012), em diversas obras, como "Educação escolar: políticas, estrutura e organização" Libâneo aborda a pesquisa e análise documental sobre a prática docente e formação de professores, discutindo os impactos das políticas educacionais e as normativas que moldam o ensino. Ele sugere que a pesquisa documental é crucial para compreender a evolução das práticas pedagógicas e as orientações curriculares.

Gatti (2013), em "Por uma política nacional de formação de professores" enfatiza a importância da análise documental para entender as diretrizes e políticas voltadas à formação docente no Brasil. Ela destaca como documentos oficiais e normativos oferecem uma base para investigar o desenvolvimento da formação e prática dos professores, além de delinear as lacunas e avanços do setor.

Denzin, e Lincoln (2006), em "O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens" abordam diferentes abordagens qualitativas, incluindo a análise documental, para estudar práticas educativas e formação docente. Eles destacam a importância de documentos institucionais e curriculares como fontes de dados que refletem as transformações e adaptações nas práticas pedagógicas.

Esses autores forneceram embasamento teórico e metodológico para a realização das pesquisas documentais sobre formação de professores e práticas docentes, explorando a análise de documentos como uma ferramenta crucial para a compreensão e a evolução do ensino regular.

3.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa

A investigação se baseia em aspectos-chave como: o estado do conhecimento, a análise documental e a redação de narrativas pela própria pesquisadora. O estudo é ancorado por uma análise crítica e reflexiva das incertezas e contradições das políticas educacionais vigentes e passadas, com ênfase no ensino e práticas educacionais voltadas para a inclusão no contexto escolar.

Para tanto, a proposta é realizar uma pesquisa bibliográfica com base no estado do conhecimento, correlacionada à análise documental, além da participação direta da professora por meio de uma abordagem autobiográfica e da recuperação de materiais utilizados ao longo da trajetória profissional docente alfaletadora. A pesquisa documental será realizada com base em documentos da Secretaria Municipal de Educação relacionados à formação, inclusão e alfabetização/letramento. Através dessa análise documental, foi possível avaliar criticamente cada documento utilizado na pesquisa, examinando elementos como contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave (Cellard, 2008, p. 303). Após a análise dos documentos, reunimos as informações coletadas de acordo com os critérios mencionados. Contudo, é importante destacar que a característica fundamental da análise documental é a realização dessa análise de forma coerente com a temática proposta. Portanto, justifica-se o uso da análise documental, pois o foco principal é associar as políticas de alfabetização e inclusão com a prática docente, e suas inconstâncias nas normativas estaduais e municipais em relação à inserção dos processos formativos e práticas de alfabetização e letramento no contexto da escola pública ou privada. Para corroborar com as etapas mencionadas e contribuir efetivamente para a análise dos dados apresentados na literatura científica e nos documentos oficiais, destaca-se o uso de narrativas escritas pela própria pesquisadora. Por meio dessas narrativas, foram analisados eixos temáticos que permeiam os demais aspectos metodológicos e, sobretudo, compuseram a sequência lógica da produção escrita. Para contemplar e correlacionar teoria e prática, utilizamos memórias organizadas em forma de narrativas autobiográficas, além de registros pedagógicos e documentais, como planos de aula, planejamentos anuais, cadernos de preparação de aulas e portfólios, todos produzidos ao longo da minha trajetória pessoal e profissional. É importante destacar que a pesquisa autobiográfica, na qual o próprio pesquisador atua como narrador e participante simultaneamente, tem se consolidado como uma abordagem cientificamente pertinente, contribuindo para a (auto) formação do professor através de uma prática pedagógica reflexiva. Nesse sentido, o presente estudo alinha-se à formação docente e aos conceitos desse tipo de pesquisa, fundamentando-se nas contribuições de autores como Josso (2007, 2010), Nóvoa (2010), Dominicé (2010), Abrahão e Frison (2010) e Souza (2006). O estudo parte do princípio de que, para uma compreensão integral, é essencial considerar os fundamentos epistemológicos e metodológicos que

envolvem as pesquisas (auto) biográficas, as quais se baseiam em histórias de vida pessoal e profissional, e na formação docente expressa por meio de narrativas escritas pelo próprio sujeito/pesquisador. Ampliando essa perspectiva, Josso (2002) descreve a abordagem biográfica como “um caminhar para si”, pois está relacionada àquilo que o sujeito constrói de si mesmo em suas narrativas, transformando-as em um meio de reflexão, análise e autoavaliação que abrange desde as experiências profissionais até as aprendizagens pessoais ao longo da vida. Essa ideia se estende à concepção de educação como um processo de construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais. Ademais, Souza (2006, p. 42) afirma que escrever sobre si mesmo leva o sujeito a uma dimensão de "auto-escuta", como se ele estivesse narrando suas experiências e aprendizagens para si próprio, adquiridas ao longo da vida através do autoconhecimento. Esses escritos tornam-se, então, um objeto de reflexão e autorreflexão, constituindo-se em um momento singular para o desenvolvimento da competência interpretativa, crítica e reflexiva, tanto em relação a si mesmo quanto ao objeto de estudo. Por meio de análises reflexivas, é possível articular diversos aspectos relacionados a espaços, tempos e dimensões pessoais, todos entrelaçados na busca por uma sabedoria de vida. Ao escrever as narrativas autobiográficas, os eixos temáticos foram inicialmente divididos em dimensões que incluem: a história de vida pessoal, começando na infância; a vida escolar e acadêmica e a escolha pela docência; a trajetória como docente; o processo de reflexão na ação, sobre a ação e da ação sobre a ação; as mudanças nas políticas educacionais e sociais e seus impactos na sala de aula; a ausência e ineficácia de materiais didático-pedagógicos; a desvalorização da carreira docente; e as metodologias e estratégias de ensino utilizadas ao longo dos anos como professora. Em outras palavras, tudo o que acontece na vida pessoal influencia e muitas vezes contribui para a emancipação, através da qual o adulto progressivamente molda sua existência (Dominicé *apud* Nóvoa, 2010, p. 87). A proposta para a escrita autobiográfica seguiu uma ordem cronológica, mas também se permitiu ser não linear, considerando os insights, sobressaltos e lembranças que surgiram durante o processo de escrita. Assim, foram trazidas informações pertinentes e teoricamente embasadas sobre a docência, com o objetivo de compreender tanto os aspectos pessoais e profissionais quanto os fatores intrínsecos e extrínsecos à sala de aula que influenciaram e ainda influenciam a prática pedagógica ao longo dos quinze anos de docência. Essas narrativas foram construídas a partir de memórias e

registros feitos ao longo dos anos, sem a necessidade de observações diretas das minhas aulas atuais, mantendo, portanto, um certo distanciamento entre a figura da professora e a da pesquisadora.

Por fim, a fundamentação teórica foi intercalada e associada às informações presentes nos meus escritos, com o intuito de responder às perguntas de pesquisa, alcançar os objetivos específicos estabelecidos para o objeto de estudo e, consequentemente, apresentar resultados que contribuam para a compreensão científica do problema investigado. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para pesquisas futuras sobre a temática em questão, considerando que a pesquisa é um processo contínuo e permanente de reflexão acadêmica, que oferece novas perspectivas para a educação e para a sociedade como um todo. Nesse sentido, pretende-se apresentar o que foi desenvolvido até 2023 no percurso profissional anterior a esse ano, com foco em um ensino libertador e emancipador, sob a perspectiva de um professor reflexivo. Relatos de experiências serão utilizados para demonstrar que é possível ensinar e alfabetizar dentro da perspectiva da inclusão escolar, de forma que as contradições e visões sejam transformadas tanto teoricamente quanto empiricamente.

Cuidar e educar significa compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – com respeito e, com atenção adequada, de estudantes com deficiência (Brasil, 2009b, p. 17).

A educação brasileira também tem sido caracterizada por pesquisas que utilizam narrativas autobiográficas como processo teórico-metodológico na formação de docentes. Segundo Abrahão (2004), essas pesquisas partem de uma reflexão pessoal e podem levar a tomadas de decisões conscientes sobre a atuação pessoal e profissional. A partir desse princípio, as narrativas podem conduzir a processos de autorreferenciamento e autoconhecimento, criando um espaço para contar e refletir sobre a própria história. “[...] as escritas autobiográficas mostram justamente à pessoa que narra essa descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, o fortuito e o papel das contingências como aspectos determinantes da experiência humana” (Passeggi, 2011, p. 154).

Além disso, observa-se um crescimento significativo e uma crescente relevância da pesquisa autobiográfica tanto em contextos nacionais quanto internacionais.

Um dos maiores exemplos disso é o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), realizado bienalmente em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph) e diversas universidades.

No decorrer da pesquisa, buscamos responder questões fundamentais: Quais são as políticas e documentos oficiais existentes nas esferas estadual e federal que abordam a inclusão? Quais as dificuldades enfrentadas no percurso de crescimento pessoal e profissional, e como essas dificuldades influenciam a prática pedagógica? Atualmente, em que medida os professores estão preparados para atuar como alfabetizadores, promovendo uma inclusão em sala de aula? É importante destacar que as narrativas autobiográficas foram desenvolvidas com base em memórias e registros acumulados ao longo dos anos, sem a necessidade de observações diretas das minhas aulas no presente. Isso permitiu um certo distanciamento entre o papel da professora e da pesquisadora. Por fim, a fundamentação teórica foi entrelaçada e vinculada às informações contidas nos meus escritos, com o objetivo de responder à pergunta de pesquisa, atender aos objetivos específicos delineados para o estudo e, conseqüentemente, apresentar dados que contribuam para a compreensão científica do problema investigado. Dessa forma, espera-se que este estudo sirva de base para pesquisas futuras sobre o tema, considerando que a pesquisa é um processo contínuo e permanente de reflexão acadêmica, que oferece novos olhares para a educação e para a sociedade como um todo.

No Quadro1, apresenta-se de forma sistematizada o problema, os objetivos da pesquisa e as fontes em que foram levantados os elementos para análise e resposta ao problema investigado:

Quadro 1 - Sistematização do problema, objetivos da pesquisa e fontes de coleta de dados

Problema	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Procedimentos	Cronologia
De que forma minha trajetória formativa e experiência como professora alfabetadora pode contribuir para desenvolver práticas de alfabetização e letramento inclusivas, acessíveis a todos os estudantes ?"	Analisar as possibilidades para a prática docente na alfabetização, letramento e inclusão, a partir de uma perspectiva autobiográfica, apontando caminhos para os processos formativos.	Identificar nos documentos educacionais oficiais (nacionais e municipais) que abordem a formação para práticas de alfabetização e letramento que possibilitem a inclusão;	Análise documental das Políticas educacionais de Alfabetização e letramento na perspectiva da inclusão escolar.	De março a junho de 2022
		Refletir sobre os elementos centrais no desenvolvimento infantil relacionados à alfabetização, letramento e inclusão.	1. Estado de Conhecimento 2. Memorial escrita de narrativas	De junho a outubro de 2022 De outubro a dezembro de 2022
		Levantar indicadores para os processos formativos relacionados à alfabetização e letramento com vistas à inclusão.	Portfólio registro através de imagens das atividades desenvolvidas Registro de práticas adaptadas para a inclusão; Anexos :plano de ensino e plano de ação	De fevereiro de 2022 a dezembro de 2023 De fevereiro de 2022 a dezembro de 2023

Fonte: A autora.

Para a análise documental das políticas educacionais de alfabetização e letramento voltadas para a inclusão escolar, é importante seguir uma estrutura que permita refletir sobre as práticas e os resultados dessas políticas na construção de uma

educação inclusiva. Sendo assim a organização do conteúdo segue este direcionamento:

3.2 Estado de conhecimento

Iniciei com uma revisão bibliográfica focada no histórico e nas diretrizes das políticas de alfabetização e letramento com enfoque na inclusão. Para isso, incluí: Histórico e contexto das políticas educacionais: Uma análise dos principais documentos normativos, como os Planos Nacionais de Educação e as legislações que impulsionaram as práticas inclusivas, como a Lei Brasileira de Inclusão e a Política Nacional de Educação Especial.

Teorias e concepções de alfabetização e letramento na perspectiva inclusiva: Explorei autores que abordam a alfabetização como processo de construção de sentido e de letramento como prática social que permite a participação de todos, incluindo as pessoas com deficiência e outros transtornos de desenvolvimento.

Principais desafios e críticas às políticas de inclusão na alfabetização: Avaliei o que a literatura aponta como barreiras, como o descompasso entre políticas e práticas, a capacitação de professores e a adequação de recursos.

Exemplos de práticas e programas bem-sucedidos: Mostrei o que a pesquisa indica como eficaz em escolas e instituições que aplicam políticas inclusivas com bons resultados.

3.3 Memorial e narrativas escritas

O memorial foi uma ferramenta poderosa para destacar minhas experiências e reflexões pessoais, narrando como as práticas inclusivas de alfabetização foram desenvolvidas na minha trajetória.

Considerarei: Narrativas reflexivas: relatei experiências concretas em que trabalhei a alfabetização de alunos com deficiências ou transtornos, incluindo desafios, sucessos e as adaptações feitas.

Reflexões sobre práticas e políticas: Compartilhei insights sobre como as políticas influenciaram (ou não) essas práticas, e o quanto o contexto institucional impacta a implementação da inclusão.

Contribuição para a construção de conhecimento: Refleti sobre o que essas práticas contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e como se relacionam com o estado de conhecimento apresentado.

3.4 Portfólio e registro visual das atividades

O portfólio visual inclui fotos das atividades e estratégias adaptadas, dando ênfase ao contexto inclusivo. Esta ação ajuda a ilustrar os recursos e as abordagens práticas que utilizei para cada atividade ou prática, considerando:

Descrição e objetivos da atividade: Expliquei o que foi desenvolvido e o objetivo específico para o aluno ou grupo.

Adaptações realizadas: Detalhei as adaptações (materiais, instrucionais, espaciais) e como elas promoveram o acesso e a participação dos alunos com necessidades educacionais específicas.

Avaliação da efetividade da prática: Registrei observações e análises de como a prática impactou o processo de alfabetização dos alunos e os avanços que observados.

3.5 Registro de práticas adaptadas e discussão dos resultados

Para a organização dos resultados e discussão na dissertação, busquei uma abordagem que articule a prática à teoria e às políticas, mostrando como as adaptações e práticas inclusivas apoiam (ou revelam limitações nas) políticas atuais. Uma possível estrutura é: Apresentação dos resultados por categorias: Organizei as práticas e atividades em categorias como “Adaptação Curricular”, “Uso de Recursos Visuais”, “Estratégias de Socialização” e “Intervenções para a Autorregulação e Comportamento”. Relacionei cada prática com o objetivo de inclusão escolar.

Interpretação dos impactos: Comparei os resultados práticos com os pressupostos teóricos e normativos das políticas de inclusão, discutindo como o que foi realizado na prática confirma ou revela lacunas nessas políticas.

Discussão crítica das políticas de alfabetização inclusiva: Trouxe para a discussão as limitações encontradas no apoio às práticas inclusivas. Sugeri sobre o que as políticas e programas precisariam incluir para um suporte mais efetivo. Essa estrutura fornece uma base sólida para minha dissertação, combinando análise documental, narrativa pessoal e práticas visuais.

4 ESTADO DO CONHECIMENTO

No entendimento, estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. O Estado de Conhecimento proporciona uma visão ampla e atualizada das tendências de pesquisa relacionadas ao objeto de estudo que pretendemos desenvolver. Por isso, constitui uma base essencial para os próximos passos da pesquisa em questão. Ele nos permite acompanhar os movimentos recentes sobre o tema investigado, oferecendo uma visão abrangente do nível de interesse acadêmico e direcionando com maior precisão os aspectos que devem ser explorados, seja reforçando resultados existentes ou criando perspectivas sobre o tema. Dessa forma, abre oportunidades para o enriquecimento do estudo.

A construção do Estado de Conhecimento, nesse contexto, oferece um mapeamento das ideias já estabelecidas, garantindo segurança quanto às fontes de estudo, apontando subtemas que merecem maior atenção ou mesmo ajudando a identificar lacunas significativas no tema em questão. Acredita-se que o Estado de Conhecimento deve ser o ponto de partida de qualquer pesquisa, pois orienta e direciona os passos da investigação com base no conhecimento e compreensão da produção intelectual já existente sobre o objeto de estudo.

Nesta perspectiva podem ser usadas com a finalidade de mapear na literatura existente sobre um tema de pesquisa, fornecendo ferramentas para identificar lacunas e aprofundar o conhecimento em uma determinada área.

Além disso, essa revisão permite compreender os conceitos utilizados em uma área específica do conhecimento e avaliar se eles realmente se sustentam. Com isso, é possível tanto reforçar esses conceitos por meio da análise quanto sugerir melhorias e delimitações para torná-los mais precisos. Ao considerar os procedimentos e aspectos metodológicos que compõem esta dissertação, é essencial apresentar os fundamentos que justificam a escolha da abordagem de pesquisa, correlacionada ao estado do conhecimento, à análise documental e ao uso de narrativas autobiográficas.

Para iniciar o processo de escrita, optamos por uma abordagem qualitativa, que abrange o estudo e a coleta de diversos materiais empíricos, como estudos de caso, histórias de vida, experiências pessoais, textos e produções, registros observa-

cionais/campo, históricos interativos e visuais, entre outros documentos. Nesse contexto, o pesquisador em Ciências Humanas utiliza várias práticas interpretativas interligadas, na esperança de compreender melhor o assunto estudado (Denzin; Lincoln, 2006).

Inicialmente, foi realizado um estado de conhecimento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os descritores “ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO E FORMAÇÃO, ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO E FORMAÇÃO E PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA” AND “2015-2023”, com o objetivo de identificar o que foi produzido em âmbito nacional. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que não foram encontrados textos diretamente relacionados ao tema abordado nesta dissertação.

Nos primeiros descritores, “ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO E FORMAÇÃO”, apareceram 194 textos na BDTD, cujo teor abordava questões relacionadas à ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO, onde o pesquisador não era o sujeito da análise, mas sim narrativas de terceiros coletadas por meio de pesquisa de campo, estudos de caso, entre outros.

Já nos descritores “ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO E FORMAÇÃO E PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA” AND “2015-2023”, foram encontrados 11 textos, conforme apresentado no Quadro 2. Os temas abordados nas teses e dissertações tratavam das políticas educacionais de alfabetização, formação e inclusão de forma geral, sem se referir especificamente aos processos formativos e práticas de alfabetização na perspectiva da inclusão escolar, que é o foco desta pesquisa.

Quadro 2 - Sistematização das pesquisas encontradas com os descritores alfabetização e Inclusão e formação e pesquisa autobiográfica.

	Autor/Ano	Título	Tipo/link de acesso
1	Ribeiro, Elizabete Siqueira. 2020	Entre a casa e a escola: percurso autoformativo como alfabetizadora bilíngue de criança surda - um estudo autobiográfico	Dissertação: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30714
2	Hosken, Annete Montes Lanzarotti. 2017	Práticas instituídas e instituintes na formação de professoras na rede pública de educação de Carangola/MG (1980-2015)	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_be431d51be7bf57f45a7bb5192db5589
3	Arcênio, Cláudia Rodrigues do Carmo. 2019	Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ.	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_80221077bc4f06cd97c41d705e7aa14b
4	Freitas, Sandra Neri Brito de. 2018	Arquétipos de professoras alfabetizadoras de Duque de Caxias	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_80221077bc4f06cd97c41d705e7aa14b
5	Angelita Aparecida Azevedo Freitas. 2021	Experiências formativas de educadoras de jovens, adultos e idosos: uma costura coletiva.	Tese: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_a94e8d9cdf76acedd7fac27550720e00
6	Santos, Aline Pereira Botelhos. 2022	Caminhos entrelaçados na escrivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ1_93396331c57432a80679a238016954a0
7	SANTOS, Liliane Nunes. 2017	O valor das coisas “desimportantes”: o letramento literário baseado na obra Memórias Inventadas, de Manoel de Barros	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFTM_539780667764326119a4c5ccd2b268b2
8	Siqueira, Luana Torquato. 2023	Danças nas aulas de educação física do ensino fundamental e as relações étnico-raciais: desafios e possibilidades	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ1_0d599ce149310e6eaea1233c9557cb5b
9	Souza, Severina Ramos Telício de. 2019	Narrativas dos estudantes: sentidos sobre o currículo do Curso Técnico em Logística, na forma Integrada - PROEJA do Instituto Federal do Amapá – IFAP	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ-1_a343ac4aec7c27402fca1bfba3497ce4
10	Pires, Maria das Graças Porto. 2023	Sentidos e reconhecimento de não saberes docentes: um estudo com professores que ensinam Língua Portuguesa	Tese: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_5ecc1a51488c8397b5817c7c2776bc5f

11	DUARTE, Alison José Oliveira. 2017	Processo de constituição da identidade profissional de professores da educação escolar de uma unidade prisional de Minas Gerais	Dissertação: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFTM_3e56c087a15ce7f90b56539707eefa39
----	------------------------------------	---	--

Fonte: A autora.

Na pesquisa 1 desenvolvida por Ribeiro (2020) realizada Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com o tema processo (auto) formativo da autora como professora bilíngue. O objetivo geral do estudo foi aprofundar a discussão sobre o processo de se tornar uma profissional alfabetizadora bilíngue em ação. A metodologia utilizada na pesquisa foi a narrativa autobiográfica, análise de dados por agrupamento de categorias. Os resultados da pesquisa revelaram duas dimensões principais: A Dimensão pedagógica e a Dimensão política. A conclusão do estudo foi que a experiência de alfabetização bilíngue em contextos não escolares contribui significativamente para a (auto) formação docente.

A pesquisa 2 desenvolvida por Hosken (2017) foi realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O tema da pesquisa era a Formação continuada das professoras alfabetizadoras no município de Carangola/MG, investigando sua prática pedagógica desde a década de 1980 até a atualidade. O objetivo geral do estudo foi aproximar-se da experiência das professoras e compreender a autoria docente, com ênfase nas influências que os cursos de formação continuada tiveram sobre suas práticas cotidianas. Em particular, a pesquisa analisou se as práticas observadas eram mais orientadas por estruturas instituídas ou se havia espaço para práticas instituintes e como a formação continuada influenciava a patologização da aprendizagem. A metodologia empregada incluiu uma abordagem de estudos dos cotidianos, utilizando orientações de cartografia, etnografia, história oral e narrativa autobiográfica. Essas abordagens permitiram uma escuta atenta das professoras, valorizando suas narrativas e experiências. A pesquisa também utilizou a pesquisa documental, com dados coletados em sites na Internet e órgãos oficiais. Os resultados apontaram uma tendência entre as professoras de adotar práticas instituídas, muitas vezes mediadas por cursos de formação continuada que promovem a patologização da aprendizagem. No entanto, também emergiram práticas instituintes, que refletem a agência das professoras ao lidarem com seus desafios cotidianos. A conclusão da pesquisa destacou a necessidade de um olhar mais atento às experiências subjetivas e invisibilizadas das

professoras, reconhecendo-as como agentes capazes de produzir suas próprias práticas pedagógicas e apontando a importância de uma formação continuada que não apenas reforce práticas já instituídas, mas que incentive a criatividade e a autoria docente.

A pesquisa 3 desenvolvida por Arcênio (2019) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) buscou examinar as continuidades e mudanças na trajetória do letramento escolar por meio das histórias de vida de professores da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, que foram alfabetizados nessa região e hoje atuam como alfabetizadores. Esses professores estão cursando Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), como parte do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). A alfabetização, detalhada como uma prática central do letramento escolar, é comprovada a partir de narrativas que reconstróem memórias do período de alfabetização desses professores e suas práticas atuais em sala de aula. O objetivo é identificar as permanências e rupturas nas concepções e metodologias externas para a apropriação da língua escrita. A pesquisa fundamenta-se na concepção de memória proposta por Halbwachs (1990) e Pollak (1989), que utiliza a linguagem como ferramenta para reconstituir o passado. A metodologia adotada para a produção das narrativas é o Ateliê Biográfico de Projeto, descrito por Delory-Momberger (2006), que segue etapas e temas pré-definidos. Para a análise dos dados, foi aplicado o paradigma indiciário de Ginzburg (1989). Os resultados foram organizados em quadros comparativos que se destacam como esta pesquisa podem contribuir para uma visão mais ampla sobre o letramento escolar, baseada nas histórias de vida, memórias e escritas dos participantes, que trazem à tona uma trajetória pessoal e profissional. A conclusão da pesquisa foi que as histórias de vida e memórias dos aspectos que se mantêm ao longo do tempo e outros que se transformam.

A pesquisa 4 desenvolvida por Freitas (2018) explora os arquétipos de professoras alfabetizadoras de Duque de Caxias com base na teoria de Jung, associando a alfabetização à transformação social. Analisa também a colaboração entre supervisores educacionais e orientadores pedagógicos na rede municipal, focando em um trabalho coletivo e político de alfabetização. A pesquisa é baseada em narrativas au-

tobiográficas e pesquisa-ação, e examina a prática de educadoras em Duque de Caxias, com um enfoque na formação continuada e na inclusão de crianças em vulnerabilidade social.

A pesquisa 5 desenvolvida por Freitas (2021) na Universidade Federal de Minas Gerais está inserida no campo da formação docente, aborda a constatação de que a maioria dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil não possui uma formação específica para essa modalidade, conforme indicado por vários estudiosos. Diante disso, a investigação buscou compreender quais conhecimentos e experiências esses educadores trazem para o trabalho na EJA e quais são suas necessidades formativas. O estudo envolveu seis educadores da EJA das séries iniciais do Ensino Fundamental, nos municípios de Diogo de Vasconcelos e Acaiaca (MG), e foi prolongado por meio da metodologia de pesquisa-ação-crítica-colaborativa. A análise dos dados foi baseada numa abordagem abrangente-interpretativa, definindo-se unidades de análise focadas nos aprendizados sobre os idosos, nas especificidades da EJA, nas contribuições de Paulo Freire para a docência e nos desafios enfrentados pelas educadoras. A pesquisa revelou que, embora as educadas possuíssem muitos saberes adquiridos na prática, elas reconheceram uma formação frágil e pareciam a necessidade de aprimoramento da compreensão dos processos de construção do conhecimento de seus alunos e das práticas mais adequadas para atendê-los. O envolvimento das educadoras no processo de pesquisa-ação demonstrou que o ambiente colaborativo é essencial para a formação docente, especialmente na EJA. A pesquisa destacou a importância da formação continuada em ambientes de colaboração e diálogo, onde os sujeitos são ativos na construção do conhecimento, narram suas histórias, ampliam suas perspectivas e fortalecem as relações interpessoais.

A pesquisa 6 desenvolvida por Santos (2022) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro este estudo combinou teorias literárias e metodológicas para dar voz a um grupo frequentemente silenciado: mulheres negras que lutam para acessar e concluir o ensino superior. A partir da ideia de "escritavivência", inspirada na obra de Conceição Evaristo, o autor reflete sobre as experiências das egressas, mostrando como suas memórias se entrelaçam com a pesquisa. A escolha de utilizar o conceito de "exprevivências" dá visibilidade às intersecções entre raça, gênero e classe social,

revelando como a trajetória dessas mulheres está marcada por múltiplas camadas de opressão e resistência.

O uso de narrativas pessoais e políticas públicas como base para a pesquisa permite uma análise rica e interseccional. A presença constante do conceito de interseccionalidade reflete a complexidade das experiências das mulheres negras, destacando a importância de uma abordagem feminista que abarque as especificidades dessas vivências.

Além disso, a roda de conversa como metodologia proporciona uma dimensão coletiva à pesquisa, criando um espaço para que as mulheres compartilhem suas histórias em um ambiente colaborativo. Esse método reforça a importância da oralidade e da troca de experiências na construção de conhecimento.

Por fim, a pesquisa sugere que a educação, especialmente em programas como o PARFOR, desempenha um papel crucial na emancipação de grupos historicamente marginalizados, como as mulheres negras. Ela destaca que a resistência e a insurgência estão presentes em cada etapa da formação dessas mulheres, tanto no enfrentamento de desafios estruturais quanto na reivindicação de espaços de poder e saber.

A pesquisa 7 desenvolvida por Santos (2017) no Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS/UFTM) de Uberaba- MG. Este estudo apresenta uma pesquisa robusta e metodologicamente bem estruturada, centrada no desenvolvimento do letramento literário em alunos do ensino fundamental. A intervenção proposta, baseada em uma sequência didática, visa não apenas formar leitores literários, mas também explorar como os alunos interagem com a literatura e como essa interação contribui para seu desenvolvimento literário.

A escolha de obras literárias como *Memórias Inventadas*, de Manoel de Barros, reflete o interesse em trabalhar com textos que estimulam a imaginação e a criatividade dos estudantes. A fundamentação teórica com base em autores como Cosson, Zilberman e Colomer assegura um embasamento consistente, especialmente no que diz respeito à compreensão das práticas de letramento literário no contexto escolar.

A abordagem qualitativa, com observação participativa, gravações e análise de produções textuais, permite uma análise profunda e detalhada das práticas de leitura dos alunos. Essa metodologia é adequada para captar as nuances das interações

entre os estudantes e a literatura, além de possibilitar uma compreensão mais ampla de suas trajetórias de letramento.

Em suma, o relatório indica que o estudo oferece uma contribuição significativa para a formação de leitores literários no ensino fundamental, com um foco claro nas especificidades de cada aluno e no contexto educacional em que estão inseridos.

A pesquisa 8 desenvolvida por Siqueira (2023) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro este estudo destaca a importância da inclusão das Culturas Africanas e Afro-Brasileiras nas práticas pedagógicas da Educação Física, especialmente no ensino de Dança, para fomentar uma educação antirracista e conscientizar os alunos sobre a herança cultural africana. A pesquisa reconhece que a Dança ainda é um conteúdo subexplorado em relação às discussões sobre EREER nas aulas de Educação Física, apontando a necessidade de maior valorização e integração desse conteúdo nos currículos escolares. A abordagem metodológica combina uma análise teórica detalhada com uma intervenção prática através de uma unidade didática. A coleta de dados, incluindo narrativas e produções imagéticas dos alunos, permitiu uma compreensão rica e multifacetada das experiências educacionais, reforçando a importância do ensino de Dança como uma prática de valorização das identidades negras. O estudo contribui para a formação crítica e cidadã dos estudantes, ao engajá-los em discussões sobre racismo, diversidade e representatividade, ao mesmo tempo em que fortalece suas conexões com suas raízes culturais. A pesquisa, ao expor lacunas na literatura científica e no ensino prático, destaca a urgência de expandir a presença das danças de matriz africana e afro-brasileira nas aulas de Educação Física, com o objetivo de promover uma educação mais inclusiva e equitativa, capaz de valorizar a diversidade e combater o racismo estrutural.

A pesquisa 9 desenvolvida por Souza (2019) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro o estudo traz à tona a importância de ouvir as narrativas dos alunos como forma de avaliar e ajustar o currículo. A abordagem qualitativa permite que as percepções dos alunos sejam compreendidas em profundidade, destacando a relevância de seus depoimentos em termos de permanência e evasão. Isso reflete o impacto direto que a estrutura curricular e as práticas pedagógicas têm no cotidiano dos alunos, especialmente no contexto do PROEJA, que atende a jovens e adultos em situações de vulnerabilidade social e escolar. A fase documental do estudo oferece uma análise crítica do Projeto Pedagógico do curso, destacando a necessidade de

uma matriz curricular que atenda às especificidades desse público-alvo. Ao mesmo tempo, as entrevistas semiestruturadas revelaram que os estudantes associam o currículo não apenas à formação profissional, mas a um projeto de vida mais amplo, incluindo aspectos de desenvolvimento pessoal e elevação da autoestima. A perspectiva dos alunos sobre o currículo mostra que eles veem a educação como uma forma de transformação social e econômica. Além disso, a pesquisa sinaliza que as práticas pedagógicas precisam estar atentas às expectativas dos estudantes, integrando as suas vivências e necessidades para evitar a evasão e garantir a permanência. A conexão entre o currículo e a realidade socioeconômica dos alunos se revela como um fator fundamental para o sucesso do programa. Em resumo, o estudo ressalta a importância de um currículo que seja flexível, contextualizado e capaz de responder às necessidades dos alunos. A análise das narrativas demonstra que o currículo do IFAP, no âmbito do PROEJA, vai além de oferecer formação técnica, proporcionando aos alunos uma educação com potencial transformador em suas vidas pessoais e profissionais. A pesquisa 10 desenvolvida por Pires (2023) na Universidade Federal da Bahia Esta tese tem como objetivo principal compreender como os professores que ensinam Língua Portuguesa, mas sem formação específica na área, atribuem sentidos ao reconhecimento dos "não saberes" e como esse reconhecimento estimula uma reflexão que impacta seus processos formativos e suas práticas docentes. Três objetivos específicos orientaram a pesquisa: (1) entender os sentidos que esses professores dão ao reconhecimento dos não saberes; (2) analisar como esse reconhecimento promove uma ação reflexiva nos processos formativos; e (3) examinar os impactos dessa reflexão e do reconhecimento dos não saberes na atuação docente. A pesquisa adotou uma abordagem fenomenológica, qualitativa e exploratória, caracterizando-se como uma pesquisa-formação. Os dados foram coletados por meio das narrativas produzidas nos Ateliês Biográficos de Projetos (ABP), realizados em 2018, e em um reencontro realizado em janeiro de 2022. Participaram três professores que lecionam Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental na rede municipal de Itapetinga, sem formação específica na área de Letras. A análise dos dados foi conduzida utilizando a técnica de Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposta por Moraes e Galiazzi (2006). Os resultados revelaram que o "não saber" faz parte do cotidiano pedagógico dos professores, sempre dialogando com o saber. A reflexão sobre o reconhecimento dos não saberes trouxe à tona debates sobre o ensino de

uma disciplina sem a formação específica, mostrando que o saber docente vai além da mera aplicação de conhecimentos teóricos ou científicos. Trata-se também de reconhecer o que não se sabe, ressignificar a prática docente e ser capaz de promover mudanças. O reconhecimento dos não saberes foi associado ao autoconhecimento, destacando que esses não saberes são construídos a partir da experiência profissional e têm o potencial de enriquecer o trabalho docente. A partir das narrativas dos professores, emergiram dois grandes eixos de significação: a positividade e a negatividade de ensinar Língua Portuguesa sem formação específica. A pesquisa, portanto, evidenciou a importância de se constituir uma prática pedagógica fundamentada em saberes, o que, por sua vez, pode contribuir para a formação de professores críticos e reflexivos sobre suas práticas de ensino.

Esta tese destaca a importância do reconhecimento dos "não saberes" na formação e prática docente, especialmente no contexto de professores que atuam fora de sua área de formação específica. O estudo explora como esse reconhecimento não se limita à mera constatação de lacunas, mas se transforma em uma oportunidade para a ressignificação e o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Ao refletir sobre suas limitações, os professores podem repensar suas abordagens de ensino e desenvolver novas formas de lidar com os desafios da docência. A pesquisa é inovadora ao valorizar a noção de "não saberes" como parte integrante e enriquecedora do processo de ensino. Ao contrário de ser visto como algo negativo, o não saber é tratado como uma força motriz para o desenvolvimento profissional, pois leva os professores a uma reflexão constante sobre suas práticas e a busca por novas aprendizagens. A relação entre saber e não saber é, portanto, um diálogo contínuo que favorece a evolução do educador. Outro aspecto importante da pesquisa é a maneira como as narrativas dos professores revelam uma visão dialética sobre a docência: de um lado, há desafios e dificuldades em ensinar sem formação específica; de outro, há oportunidades de crescimento e inovação pedagógica. Ao lidar com esses desafios, os professores se tornam mais críticos e reflexivos, o que contribui para uma prática docente mais consciente e efetiva.

Em resumo, a tese evidencia que o ensino não se trata apenas de transmitir conhecimento teórico, mas também de reconhecer as próprias limitações e utilizar esse reconhecimento como um ponto de partida para a transformação e melhoria contínua da prática pedagógica. Isso reforça a ideia de que o processo formativo de um

professor não se encerra com a obtenção de um diploma, mas se estende por toda a sua trajetória profissional.

A pesquisa 11 desenvolvida por Duarte (2017) na Universidade Federal do Triângulo Mineiro-MG, esta pesquisa teve como objetivo investigar se a experiência de ensinar alunos privados de liberdade, no contexto da educação escolar em uma instituição prisional de Minas Gerais, influencia a constituição da identidade profissional docente. Embora a educação em presídios já tenha uma história nas instituições prisionais brasileiras, ainda é uma área marginalizada pelas políticas públicas e pela formação universitária, especialmente no que se refere à valorização do professor. O estudo justifica-se pela necessidade de fornecer suporte teórico e reflexivo sobre a educação escolar em prisões, com ênfase na identidade dos professores que atuam nesse ambiente específico. A metodologia adotada foi qualitativa, com investigações de campo e apoio em referenciais teóricos. A pesquisa envolveu cinco professores voluntários que trabalham em uma escola prisional e uma entrevista com a diretora da escola. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram entrevistas abertas (gravadas em áudio) e um diário de campo. As entrevistas com os professores foram submetidas à análise temática de conteúdo, e os resultados foram complementados com as informações da entrevista com a diretora e as observações do diário de campo, aplicando-se o método de triangulação de dados. Os resultados mostraram que as particularidades do ambiente prisional podem causar transformações significativas na identidade profissional dos professores, devido às exigências institucionais, sociais, morais e éticas que vão além dos desafios da educação em contextos não prisionais. A pesquisa identificou três temas principais relacionados à construção da identidade docente:

1. Relação professor/aluno: A interação direta com alunos em privação de liberdade influencia a autoimagem, autoestima e realização profissional dos professores, destacando o impacto emocional e profissional desse tipo de trabalho.

2. Identidade para o outro e sentimento de incompreensão: Os professores relatam sentir-se marginalizados e desvalorizados pela sociedade e pela mídia, que desconhecem ou ignoram o trabalho docente nas escolas prisionais, reforçando a sensação de invisibilidade e incompreensão.

3. Especificidades do perfil docente: O estudo destaca como as particularidades do ensino em prisões conferem aos professores características e experiências únicas,

que são raramente encontradas em outras instituições de ensino, o que os torna profissionais diferenciados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa também aborda o silêncio que envolve as minorias, como os professores em prisões, e a falta de representatividade e reconhecimento dessas vozes. Com isso, o estudo reforça a importância de reformar o sistema educacional, com investimento das universidades e políticas públicas, visando incluir os saberes e a experiência dos professores que atuam em prisões. Essa reforma é necessária para construir novos modelos educacionais democráticos, rompendo com a lógica opressiva e totalitária que ainda predomina nas prisões.

Este estudo oferece uma contribuição importante para a compreensão da identidade profissional dos professores que atuam em prisões. Ele mostra que, apesar de ser uma realidade desafiadora e frequentemente ignorada, o trabalho desses educadores possui grande impacto na formação de suas identidades. A pesquisa também aponta as lacunas no reconhecimento social e acadêmico desse grupo, propondo a necessidade de mudanças estruturais no campo da educação, que considerem as especificidades e o valor do ensino em ambientes prisionais. A análise destaca a complexidade da relação professor/aluno em contextos de privação de liberdade, onde os desafios pedagógicos são intensificados por questões emocionais e éticas. O estudo também revela o sentimento de isolamento e desvalorização que esses docentes enfrentam, reforçando a importância de políticas que deem visibilidade ao seu trabalho e o reconheçam como fundamental no processo de ressocialização dos presos. Além disso, o estudo evidencia que a prática docente em prisões exige habilidades e abordagens pedagógicas únicas, que muitas vezes não são contempladas na formação inicial dos professores. Isso sugere a necessidade de reformular os currículos de formação docente para incluir a preparação para o trabalho em contextos prisionais, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica. Em suma, a pesquisa oferece uma reflexão profunda sobre as implicações da educação em prisões, tanto para os alunos quanto para os professores, e faz um apelo para que as instituições educacionais e as políticas públicas olhem com mais atenção para esse campo, promovendo transformações significativas no sistema prisional e educacional brasileiro. Após concluir esta etapa de estado de conhecimento, ficou evidente que a minha pesquisa destaca aspectos relevantes e significativos sobre a alfabetização e o letramento. Pois, a pesquisa localizada que mais se aproxima é de Pires (2023), tem como título: Sentidos e

reconhecimento de não saberes docentes: um estudo com professores que ensinam Língua Portuguesa. Na pesquisa em tela, foi tomado como base de análise e estudo as narrativas da própria pesquisadora, estabelecendo interrelações como parte integrante da reflexão crítica e das direções estabelecidas em relação ao ensino, às políticas educacionais, à formação e identidade docente. Além disso, demonstra que a reflexão na ação, sobre a ação e na ação devem estar presentes no percurso formativo de todos os professores, como apontado por Schön (1992) e Zeichner (1993).

Os resultados apresentam exemplos práticos dentro das narrativas, mostrando caminhos para um ensino e aprendizagem inclusivos na fase de alfabetização e letramento, especialmente destacando a importância de o professor estar verdadeiramente qualificado para atuar de maneira inclusiva. Foi necessário investigar os processos formativos com o objetivo de respeitar as singularidades de cada estudante, promover o protagonismo estudantil e fortalecer a afetividade e empatia nas atividades realizadas.

Ao analisar as pesquisas mencionadas, podemos identificar semelhanças e diferenças nas abordagens, metodologias, contextos e focos temáticos. Essa discussão revela como a diversidade de perspectivas enriquece o campo da formação docente e da inclusão educacional.

Semelhanças

1. Uso de Narrativas e Abordagens Autobiográficas: Muitas das pesquisas utilizam narrativas pessoais e autobiográficas como método de investigação, proporcionando uma compreensão mais profunda e subjetiva da formação e da prática docente. Por exemplo, as pesquisas de Ribeiro (2020), Freitas (2018) e Santos (2022) fazem uso de narrativas autobiográficas para explorar experiências individuais, incluindo o conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo, que foca em vivências de opressão e resistência de mulheres negras no ensino superior.

2. Foco na Formação Docente e Identidade Profissional: Todas as pesquisas, de alguma forma, abordam o desenvolvimento profissional dos professores, seja em contextos de formação continuada (Hosken, 2017; Freitas, 2018), em trajetórias pessoais (Arcênio, 2019), ou na construção da identidade profissional em ambientes desafiadores, como a educação em presídios (Duarte, 2017).

3. Dimensões Sociopolíticas e Inclusivas: Grande parte dos estudos considera a importância da inclusão e da conscientização sociopolítica. Freitas (2018), por exemplo, explora a alfabetização como meio de transformação social e a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade. A pesquisa de Siqueira (2023) também visa fomentar uma educação antirracista ao incorporar as culturas africanas e afro-brasileiras nas aulas de Educação Física. Já a pesquisa de Souza (2019) explora a importância de ouvir as narrativas dos alunos para ajustar o currículo, especialmente no contexto do PROEJA.

4. Metodologias Qualitativas e Abordagens Exploratórias: Todas as pesquisas recorrem a abordagens qualitativas para compreender profundamente as percepções e experiências dos participantes. Metodologias como pesquisa-ação (Freitas, 2018), análise fenomenológica (Pires, 2023), e pesquisa-formação (Pires, 2023) são comuns e buscam aprofundar a reflexão sobre práticas pedagógicas e contextos específicos.

Diferenças

1. Foco Temático Específico: As pesquisas variam no foco temático. Ribeiro (2020) e Hosken (2017) concentram-se em alfabetização e letramento, enquanto Arcênio (2019) examina o letramento na Baixada Fluminense e Freitas (2021) analisa o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Outras pesquisas, como Santos (2022) e Siqueira (2023), abordam aspectos específicos de raça e gênero no ensino superior e na educação física, respectivamente.

2. Contexto de Atuação: As pesquisas abrangem uma variedade de contextos educacionais. Santos (2022) enfoca o acesso de mulheres negras ao ensino superior, enquanto Duarte (2017) investiga a educação em instituições prisionais. Freitas (2021) aborda as necessidades formativas de professores que atuam na EJA, uma realidade desafiadora em termos de formação específica.

3. Metodologias e Objetivos Específicos: Embora todas usem metodologias qualitativas, as abordagens metodológicas diferem. Freitas (2018) combina narrativas autobiográficas com pesquisa-ação, enquanto Pires (2023) adota uma abordagem fenomenológica para explorar os “não saberes” na formação docente. A pesquisa de Souza (2019) usa uma análise documental para entender o impacto do currículo na permanência de alunos no PROEJA.

4. Dimensão de Reflexão Crítica e Política: Algumas pesquisas, como as de Freitas (2018) e Siqueira (2023), enfatizam o papel transformador da educação, promovendo um trabalho coletivo e político, além de uma formação antirracista e valorização cultural. Em contraste, outras pesquisas, como a de Duarte (2017), abordam a identidade profissional em contextos mais restritos, como a educação em presídios.

Conclusão Comparativa

A análise das pesquisas mostra como as experiências formativas e práticas pedagógicas são moldadas por contextos variados, necessidades específicas e objetivos. As semelhanças revelam uma preocupação comum com a formação e a inclusão, enquanto as diferenças destacam a riqueza de contextos e abordagens. Essa diversidade reflete a complexidade da formação docente no Brasil, especialmente em relação à alfabetização, inclusão e enfrentamento de desafios sociais, proporcionando um entendimento multifacetado da educação inclusiva e da formação continuada.

5 NARRATIVA DA PESQUISADORA PARA INCLUSÃO, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A vida é uma jornada...
Ela não leva a um destino exatamente,
Mas a uma transformação...
(Filme Para Salvar uma Vida)
Não podemos...
Olhar a inclusão com conformidade...
E sim ampliar as potencialidades de cada ser...
Porque amar é incluir verdadeiramente...
(Jiane Gouveia)

Ao iniciar minha carreira docente em 2020, após ser aprovada em um concurso, fui designada para lecionar no 3º ano do ensino fundamental I, nas séries iniciais, com uma carga horária de 30 aulas semanais na escola EMEIF e Suplência Monteiro Lobato, localizada no município de Sandovalina – SP. Diante desse novo desafio, fiquei preocupada, pois sabia que precisaria trabalhar com a produção de contos e textos, um conteúdo essencial para essa etapa. No entanto, devido à pandemia da COVID-19, muitos dos meus estudantes ainda não estavam alfabetizados, já que o ano de 2020 foi marcado por aulas remotas, e nem todos conseguiram alcançar o nível de aprendizagem esperado para o 3º ano.

Com base nas experiências que tive com meu filho nas escolas que ele frequentou, comecei a refletir sobre como poderia auxiliar meus alunos, considerando que as aulas ainda eram remotas. Como estava em meu primeiro ano como docente, eu ainda carregava hábitos pedagógicos adquiridos durante minha própria formação, muitas vezes reproduzindo práticas dos meus antigos professores. Eu via essas práticas como, em parte, corretas e necessárias, principalmente porque me sentia um pouco insegura sobre como agir nas diversas situações que surgiam em sala de aula.

É importante destacar que:

Nas escolas, geralmente, o professor novato fica à mercê da sorte, podendo ou não conseguir superar a fase da adaptação que está confrontando. Assim, sem ter com quem compartilhar suas dúvidas, seus acertos e seus erros, o professor acaba apoiando sua prática em ações que vivenciou na época de estudante, reproduzindo a prática de seus antigos professores, o que dificulta

sua transformação na busca de uma atuação mais significativa e inovadora em suas atividades docente. (Souza, 2009, p.37).

Entretanto, percebi que a experiência do estágio supervisionado, que considero essencial para qualquer professor iniciante, fez uma enorme diferença na minha prática docente. Segundo França (2012), o estágio supervisionado é um momento crucial na formação inicial do acadêmico, pois permite que o futuro profissional compreenda sua função no mundo do trabalho. França também ressalta que: O sujeito está sempre em transformação, podendo modificar a sua forma de pensar e agir, sendo uma das principais metas do estágio supervisionado, pensar no plano coletivo (escola, universidade e estagiários) as estratégias de ação que possam dar melhores condições para a formação docente. O estágio enquanto objeto, é meramente uma técnica aplicada. Como um fim em si mesmo, não propicia mudanças e nem angaria negociações para a construção de políticas públicas educacionais que melhorem as condições materiais e intelectuais de trabalho do professor. (França, 2012, p. 33)

Compreendo que o estágio supervisionado é crucial a partir do momento em que o professor regente da sala contribui significativamente para o crescimento profissional do estudante em formação inicial, proporcionando oportunidades para que ele realize atividades com os alunos e o orientando para utilizar os conhecimentos adquiridos na universidade. Acredito que o estágio supervisionado oferece ao licenciando uma visão mais profunda e significativa ao se apropriar do verdadeiro contexto de trabalho dentro da escola.

No meu primeiro ano como docente, enfrentei grandes desafios, especialmente pelo medo de implementar práticas de ensino que não fossem eficazes para meus alunos. A lembrança das experiências difíceis que tive com meu próprio filho ainda me assombrava.

Em 2022, fui designada para uma turma de segundo ano do ensino fundamental, e logo me deparei com a surpresa de ter dois estudantes eram estudantes público da Educação Especial: um surdo, que não havia tido sucesso com o implante coclear; outro com macrocefalia. Senti um grande desespero, pois a responsabilidade de alfabetizar esses estudantes me parecia um desafio enorme, e o medo de errar ainda me acompanhava.

No início, segui o Currículo Paulista da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EFAPE) e o PPP da escola, mas logo percebi que esses materiais não eram suficientes para atender às necessidades específicas

dos meus estudantes. Busquei apoio da gestão escolar, mas fui informada de que não havia recursos pedagógicos adequados para trabalhar com esses estudantes. Foi então que lembrei das aulas de Didática na graduação, onde aprendi que o currículo serve apenas como uma orientação e que uma boa didática pode fazer toda a diferença na forma como os estudantes percebem o professor.

Com isso em mente, decidi criar um caderno de memórias onde anotava diariamente as experiências em sala de aula, incluindo as estratégias que usei e os resultados obtidos, sejam eles positivos ou negativos. Esse processo me ajudou a refletir sobre minhas práticas e a buscar novas abordagens.

Após várias tentativas frustradas de aplicar metodologias tradicionais, comecei a pensar em desistir da turma, temendo repetir as experiências negativas que tive com meu filho. No entanto, a necessidade de continuar trabalhando me impediu de desistir. Um dia, meu marido me incentivou dizendo que eu encontraria uma forma de ajudar meus estudantes, assim como havia ajudado nosso filho, mesmo sem ter formação na época. Essa confiança me motivou a estudar mais sobre surdez e macrocefalia e a criar atividades que promoviam a interação entre todos os estudantes, respeitando suas individualidades e potencializando seu desenvolvimento. À medida que os dias passavam, o sentimento de estar no caminho certo só aumentava. Cada pequeno progresso dos meus estudantes me dava mais forças e alegria para continuar.

Apesar dos desafios que os professores iniciantes enfrentam, incluindo críticas e desconfiança por parte da gestão e colegas, percebi que uma sólida formação docente estava diretamente ligada à qualidade do trabalho e à satisfação profissional. A escola em que eu trabalhava era um ambiente agradável, bem-organizado e gerido, o que me proporcionou grandes oportunidades de aprendizado e crescimento. Sempre acreditei que um ambiente de trabalho feliz e bem estruturado torna a prática docente mais prazerosa e produtiva.

Libâneo (2012) enfatiza que, para manter uma escola organizada e bem gerida, é essencial garantir não apenas condições organizacionais, mas também operacionais e didático-pedagógicas, de modo a assegurar a qualidade do trabalho docente. Ele também ressalta que as condições físicas e de infraestrutura da escola têm um impacto significativo tanto no desempenho do professor quanto na aprendizagem dos estudantes.

Lima (2007) observa que, para que uma escola seja democrática e participativa, é necessária a colaboração de todos. Um ambiente escolar democrático, interativo e acolhedor requer uma gestão que envolva todos os participantes do processo educativo, promovendo a participação e o respeito mútuo, e fortalecendo as relações humanas ao respeitar as diferenças de comportamento, ideias e valores de todos os envolvidos.

Sob uma perspectiva diferente, o professor atua como um motivador e incentivador nas práticas educativas, estimulando os estudantes a se engajarem nas atividades propostas e, assim, avançarem em seu processo de aprendizagem. É importante destacar que, embora o papel do professor seja significativo, ele não é o único responsável por essa motivação.

Cabe aqui uma reflexão sobre a forma como eu planejava e aplicava minhas aulas. Eu organizava minha rotina semanal em um caderno, listando o conteúdo a ser abordado, a unidade temática, os objetivos de cada aula e as atividades que seriam utilizadas, além de detalhar a explicação para cada uma delas. Comparando minha postura de professora iniciante com a de hoje, reconheço que, no início, eu seguia um modelo mais tradicional, mas com também tinham momentos que conseguia ter atitudes inovadoras e significativas para aquele momento.

Em relação aos recursos pedagógicos, utilizava os materiais fornecidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como livros didáticos e apostilas, que deveriam ser seguidos à risca, com prazos rígidos de conclusão. Essa abordagem me incomodava, pois era muito inflexível e, principalmente, inadequada para atender às necessidades dos meus estudantes com deficiências. Por isso, optei por utilizar materiais pedagógicos adicionais, como alfabeto móvel, jogo da memória, dominó de sílabas, entre outros. Também preparava atividades complementares em vídeo e áudio, e usava bonecos confeccionados por mim para tornar o ambiente de sala de aula mais acolhedor e propício à aprendizagem. É importante destacar que, ao propor atividades complementares alinhadas aos temas desenvolvidos, eu estava respondendo às necessidades individuais de cada estudante. Embora essa abordagem pudesse ser considerada arriscada, os materiais fornecidos abordavam os conteúdos de forma muito padronizada, sem considerar a diversidade e a inclusão, exigindo do professor uma formação integradora, responsável e atenta. Assim, procurei trabalhar as situa-

ções de aprendizagem de maneira que respeitasse a singularidade de cada estudante, reconhecendo-os como indivíduos cheios de sentimentos, emoções, opiniões e contradições. Por sempre buscar inovações pedagógicas e me manter em constante formação, acabei sendo vista como "diferente" na escola. No entanto, todas as minhas experiências, tanto pessoais quanto profissionais, contribuíram para melhorar minha prática pedagógica, levando em conta os aspectos formativos e informativos que ela me proporcionava. A partir dessas experiências, aprendi que minhas reflexões diárias deveriam guiar meu planejamento, minha autoavaliação como docente e o conhecimento das necessidades individuais dos estudantes, além de reconhecer meu progresso como professora alfastradora no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim podemos pensar que:

Planejar é elaborar o plano de intervenção na realidade, aliando às exigências de intencionalidade de colocação em ação, é um processo mental, de reflexão, de decisão, por sua vez, não uma reflexão qualquer, mas grávida de intenções na realidade. (Vasconcellos, 2000, p.43)

Acredito que, no início da minha carreira docente, cometi erros devido à falta de experiência em sala de aula. No entanto, eu estava sempre refletindo e ajustando minha prática pedagógica, seja na forma como eu dialogava com os alunos, conduzia as aulas ou avaliava o planejamento desde o início até sua conclusão.

Nos momentos disponíveis, costumava ler em voz alta textos curtos, mas com temas impactantes, como respeito, família, solidariedade e bullying, e organizava rodas de conversa para que os estudantes pudessem expressar suas dúvidas, aprendizagens e preocupações.

Curiosamente, sem perceber, eu já estava implementando uma avaliação formativa, que me permitia compreender melhor o conhecimento de cada estudante, as dificuldades que enfrentavam e seus anseios.

Haydt (1997, p. 292-293) afirma que a avaliação formativa...

[...] pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las [...].

Dessa forma, é possível perceber a importância da avaliação formativa para priorizar os aspectos formativos dos estudantes, não apenas em termos de conhecimentos científicos, mas também considerando sua formação integral. Para tanto, é necessário que seja repensado a formação docente, para que ele consiga modificar as suas práticas e incluir os estudantes público da Educação Especial.

5.1 Formação docente

A formação docente tem como objetivo central preparar profissionais capacitados para criar um ambiente educacional que acolha e promova o desenvolvimento de todos os estudantes, independentemente de suas características, necessidades e contextos. Nesse cenário, a inclusão surge como um imperativo ético e pedagógico, desafiando a educação a superar barreiras e garantir a participação plena de todos os estudantes.

No Brasil, a LDBEN de 1996 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, asseguram o direito à educação de qualidade para todos, incluindo estudantes público da Educação Especial, que são pessoas com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação. Essas legislações exigem flexibilização nos currículos de acordo com o Desenho Universal de Aprendizagem (DUA), recursos pedagógicos específicos e a formação de professores para atender as necessidades dos estudantes e equiparação de oportunidades. Assim, compreender o contexto da formação docente e da inclusão no Brasil é essencial para traçar um caminho em direção a uma educação mais justa e equitativa.

Neste sentido, torna-se de fundamental importância, formar professores a partir de prática reflexivo-crítica que é um processo transformador que leva o professor a questionar suas próprias ações, analisar o contexto em que atua e buscar continuamente o aprimoramento de sua prática pedagógica.

Schön (1992) é um dos principais autores sobre a prática reflexiva, afirmando que o professor, ao adotar uma postura reflexiva sobre suas ações, pode enfrentar os desafios educacionais de forma mais eficaz, ajustando suas práticas pedagógicas às necessidades dos estudantes. Schön descreve essa prática como essencial para o

autoconhecimento e para a análise crítica da realidade educacional, o que leva à inovação e à adaptação constante da prática docente.

As práticas reflexivo-críticas se fundamentam em três pilares interligados: ação, reflexão e transformação. O professor, ao atuar em sala de aula, deve constantemente refletir sobre suas ações, seus impactos e seus objetivos. Essa reflexão crítica impulsiona a busca por novas estratégias e a transformação da prática pedagógica, tornando-a mais eficaz e significativa para os estudantes.

Libâneo (2012) também ressalta a importância de uma formação docente baseada na reflexão crítica, argumentando que essa abordagem contribui para a autonomia e adaptabilidade do professor. Para ele, essa prática é crucial na construção de uma educação inclusiva, que garanta o acesso equitativo à aprendizagem e desenvolva competências pedagógicas que respeitem a diversidade dos estudantes.

Segundo Freire (1996) A importância das práticas reflexivo-críticas na formação docente reside em sua capacidade de promover a autonomia, a criatividade e a adaptabilidade dos professores, elementos essenciais para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade. Através da reflexão crítica, o professor pode identificar seus próprios preconceitos, superar obstáculos e desenvolver a capacidade de atender às necessidades específicas de cada estudante, garantindo o acesso equitativo à aprendizagem.

Com estes pressupostos, a minha trajetória em direção à inclusão na educação é marcada por avanços significativos, mas também por desafios persistentes. Ao longo dos anos, a formação docente tem sido repensada e reestruturada para atender às demandas da inclusão, com a criação de cursos de licenciatura específicos, especializações e programas de formação continuada.

A inovação em práticas pedagógicas inclusivas tem sido tema de diversos estudos e iniciativas nas instituições de ensino, com foco na busca de soluções criativas para atender às necessidades de todos os estudantes. Mantoan (2015) defende a importância das adaptações curriculares e do uso de tecnologias como estratégias eficazes para promover a inclusão. Segundo a autora, práticas colaborativas e a valorização da diversidade são essenciais para transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor e acessível para todos. Blanco (2002) enfatiza que a inclusão depende também da superação de obstáculos, como a falta de recursos, a resistência

de profissionais e a falta de formação específica. Blanco argumenta que é fundamental superar preconceitos e construir uma cultura de respeito e acolhimento, promovendo a conscientização e a mudança de atitudes em toda a comunidade escolar.

Na prática pedagógica, Paulo Freire (1996) ressalta que o educador não deve desistir diante dos desafios. Freire acredita que o êxito em iniciativas inclusivas e colaborativas pode servir de referência para outros profissionais, estimulando a adoção de práticas mais eficazes e promovendo um ambiente de ensino mais organizado e integrador.

Apesar dos desafios e obstáculos enfrentados, em nenhum momento eu desisti! Com o tempo, aquela prática bem-sucedida tornou-se uma referência para meus colegas de profissão, que também passaram a utilizá-la. Como resultado, obtivemos avanços significativos na aprendizagem e melhoramos a organização da sala de aula em diversos aspectos.

Diante dos bons resultados, aproveitei a oportunidade para pensar em uma proposta alternativa, sempre focada em manter uma prática ativa e promover um ensino com equidade, conforme por ser visto na Figura 1. Com ela busquei incentivar nos estudantes, maior interação e socialização.

Figura 1 – Seção 1: Interação e socialização



Fonte: A autora.

Durante minha atuação como educadora, sempre busquei ir além dos aspectos puramente educacionais ao trabalhar com meus estudantes. Por exemplo, ao ensinar conceitos básicos de leitura e escrita, busco integrar discussões sobre empatia e colaboração, mostrando aos alunos como o que aprendem pode ser útil para ajudar os colegas. Em uma atividade como esta (teia da amizade), além de ensinar letras e sílabas, incentivei os estudantes a formar palavras relacionadas a valores, como "amizade" e "respeito", reforçando que o aprendizado deles pode ter um impacto positivo na convivência e no apoio mútuo. Além de facilitar a reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de habilidades interpessoais e socioemocionais, que são cada vez mais relevantes na educação contemporânea.

Após um longo período de estudo e reflexão sobre estratégias de ensino para a educação inclusiva, percebi que a interação respeitosa entre os estudantes e a aceitação das diferenças e especificidades de cada um contribuem para uma participação mais ativa dos estudantes em sua própria aprendizagem. O método gradual apresentado na Figura 1 facilita a empatia e a colaboração entre os estudantes, promovendo um aprendizado mais eficaz ao incentivá-los a trabalhar em equipe.

Em minha trajetória profissional, desenvolvi projetos em colaboração com a equipe de professores da mesma escola, incluindo saraus, gincanas, desafios, atividades externas, visitas e viagens culturais. A coordenadora pedagógica, à medida que fomos construindo um vínculo, frequentemente me convidava para participar de atividades pedagógicas e exposições sobre minha prática docente. Essas oportunidades permitiram a troca de experiências e a busca pela melhoria do ensino e da aprendizagem.

Apesar de sempre ter me dedicado a atividades diferenciadas desde o início da minha carreira, com o tempo percebi que ainda carregava influências dos métodos de ensino que não atendia aos anseios dos meus estudantes, mas foram os exemplos que trazia dos meus professores. Esses métodos, no entanto, podem servir como base para o aprimoramento didático-pedagógico, sempre considerando a realidade da escola, como a falta de recursos pedagógicos e materiais como alfabeto móvel, jogos pedagógicos, fantoches, entre outros. Mesmo diante dessas dificuldades, eu buscava tornar minhas aulas atraentes e produtivas.

A falta ou insuficiência de recursos materiais pode gerar insatisfação e dificuldades no trabalho, além de refletir a desvalorização do trabalho docente. Muitos professores, utilizando sua criatividade e esforço, conseguem contornar essa escassez, mas a ausência desses recursos compromete a realização do trabalho ideal e demonstra a desvalorização da profissão (Rebolo, 2012).

Um dos desafios mais marcantes no meu percurso como educadora foi o desmerecimento constante do trabalho de alfabetização de estudantes com transtornos ou deficiências, me recorro nitidamente as palavras de alguns colegas de docência na sala dos professores quando eu comentei da metodologia que eu iria usar para tentar alfabetizar meu aluno surdo (você vai desperdiçar seu tempo modificando o espaço da sala de aula e adaptando atividades). Esse desvalor não vinha apenas de alguns gestores, mas também de colegas que, por vezes, não reconheciam o esforço necessário para adaptar metodologias e criar ambientes de aprendizagem inclusivos. Em várias situações, percebi comentários que minimizavam os avanços dos estudantes, sugerindo que o foco deveria estar em alunos sem dificuldades aparentes, o que muitas vezes desmotivava meu trabalho. Além disso, projetos e estratégias voltadas para essa alfabetização recebiam pouca atenção ou apoio institucional, o que tornava o processo ainda mais difícil.

Esse contexto gerava uma sensação de isolamento e fazia com que meu trabalho parecesse menos relevante aos olhos da equipe. No entanto, ao invés de ceder à desmotivação, essa experiência me provocou uma reflexão profunda. Comecei a buscar formas de confrontar essa visão negativa e transformá-la em uma oportunidade de mudança. Decidi promover discussões sobre a importância da inclusão, compartilhar os pequenos, mas significativos progressos dos meus alunos, e demonstrar como a alfabetização de estudantes com transtornos ou deficiências pode ser uma jornada rica em descobertas e transformações tanto para eles quanto para nós, educadores.

Reconheci que o professor tem um papel crucial na transformação de sua própria realidade de trabalho por meio de ações pedagógicas bem-sucedidas. Ao refletir sobre minha prática pedagógica e vivências pessoais, compreendi que meu perfil profissional se moldou e se aprimorou. As dificuldades enfrentadas, inclusive com a educação do meu próprio filho, me tornaram mais resiliente e comprometida com uma educação inclusiva e equitativa.

Ao longo do meu fazer pedagógica, percebo que a reflexão contínua sobre a prática docente e a conexão com as experiências pessoais são essenciais para o processo de transformação e formação profissional. A educação deve ser um espaço onde os estudantes se sintam acolhidos e satisfeitos, o que torna o processo de ensino e aprendizagem prazerosos para todos os envolvidos. A construção de uma educação inclusiva é um esforço coletivo que envolve professores, estudantes, pais, gestores, comunidade escolar e sociedade. O futuro da inclusão escolar no Brasil parece promissor, com uma crescente conscientização sobre a importância da inclusão e a adaptação das escolas para atender às necessidades de todos os estudantes. A inclusão é fundamental para uma sociedade justa e igualitária e requer políticas educacionais eficazes, formação docente de qualidade e um ambiente escolar acolhedor e receptivo. A formação docente para a inclusão deve abranger dimensões teórica, prática e reflexiva, considerando a legislação, as características dos estudantes com necessidades especiais, e a capacidade de planejar e avaliar atividades pedagógicas inclusivas. Deve ser realizada tanto na formação inicial quanto continuada, de forma contextualizada e significativa. Segundo Prieto (2006), a educação inclusiva valoriza a diversidade e exige novas práticas pedagógicas. No entanto, muitos professores enfrentam barreiras devido à falta de formação adequada. Dados mostram que uma pequena porcentagem de professores está devidamente preparada para atender alunos com necessidades especiais, o que aumenta a frustração e a sensação de falta de preparo. Meu próprio trabalho como educadora, inspirado por minhas experiências e pelo compromisso com a inclusão, visa evitar que outras mães passem pelas dificuldades que enfrentei. Desenvolvi métodos e materiais complementares para melhorar a experiência de aprendizagem dos meus estudantes, sempre buscando tornar minhas práticas mais inclusivas e eficazes.

As Figuras 2 e 3 ilustram uma atividade de alfabetização mais lúdica e descontraída, rompendo com a tradicional, abordagem em que normalmente o professor fala e os estudantes repetem. Primeiramente, eu apresentava a proposta e estimulava os conhecimentos prévios dos estudantes. Em seguida, dividia a turma em dois grupos e explicava as regras da atividade: eu ditava uma palavra e um membro de cada grupo precisava ir até a amarelinha alfabética e colocar as letras na sequência correta para formar a palavra. O restante do grupo podia oferecer orientações, e caso ninguém soubesse a forma correta de escrever a palavra, eu fazia intervenções para

ajudar. Para essa atividade, utilizei o espaço externo da escola, onde havia desenhado e pintado algumas amarelinhas com o alfabeto e números, no ano anterior (2021), quando retornamos às aulas presenciais após a pandemia.

Os resultados dessa atividade lúdica com a amarelinha alfabética foram extremamente positivos. Percebi um engajamento maior dos estudantes, principalmente daqueles que costumavam demonstrar menos interesse nas atividades tradicionais. A dinâmica de trabalhar em grupo fortaleceu o senso de cooperação e, ao permitir que eles orientassem uns aos outros, houve um fortalecimento da autoestima e do protagonismo. Além disso, a atividade contribuiu para a fixação das letras e das palavras de forma divertida, o que facilitou o processo de aprendizagem e tornou a alfabetização mais leve e acessível para todos os alunos, especialmente para aqueles com dificuldades de leitura e escrita.

Figura 2 - Seção1: Alfabetizando ludicamente.



Fonte: A autora.

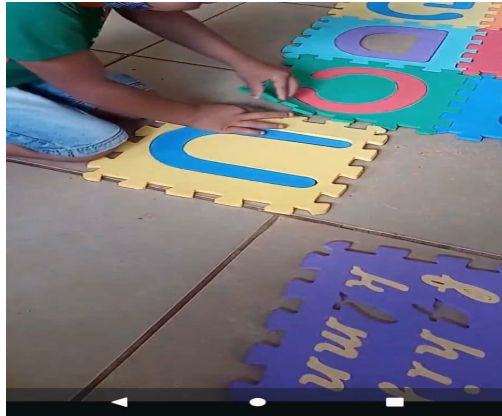
Figura 3 – Seção 2: Alfabetizando Ludicamente.



Fonte: A autora

Nas Figuras 4 e 5, apresento outra atividade de alfabetização, na qual os estudantes precisavam encaixar as letras corretas para formar palavras, e, em seguida, fazíamos uma lista e realizávamos a leitura das palavras formadas. Para essa atividade, foi utilizado um tapete gigante com o alfabeto móvel, um material excelente que adquiri após o nascimento do meu filho e que também tem sido muito útil para auxiliar meus alunos. Os resultados dessa atividade com o tapete gigante de alfabeto móvel foram bastante positivos. Os alunos demonstraram grande entusiasmo ao participar de uma atividade tão interativa e sensorial. A possibilidade de manipular as letras e formar palavras de maneira prática ajudou a consolidar o reconhecimento das letras e suas combinações. Além disso, o ato de criar palavras coletivamente e depois lê-las em voz alta reforçou a confiança dos alunos na leitura e escrita, proporcionando momentos de descoberta e aprendizado colaborativo. Essa atividade foi especialmente benéfica para alunos que apresentavam dificuldades na alfabetização, pois permitiu que eles visualisassem e compreendessem melhor a formação das palavras, tornando o processo de aprendizagem mais concreto e divertido.

Figura 4 - Seção 3: Porque brincar é bom, mas aprender brincando é melhor.



Fonte: A autora.

Figura 5 - Seção 4: Porque brincar é bom, mas aprender brincando é melhor.



Fonte: A autora.

A atividade representada na Figura 6 tem como objetivo principal desenvolver e melhorar a coordenação motora e a concentração dos participantes. Essas habilidades são fundamentais para uma série de tarefas diárias e acadêmicas, e a atividade foi planejada para abordar essas áreas de forma eficaz.

1. Coordenação Motora: A atividade visa aprimorar a capacidade dos participantes de controlar e coordenar movimentos físicos de forma precisa. Isso pode incluir a coordenação entre mãos e olhos, ou a coordenação entre diferentes partes do corpo.

2. Concentração: A atividade também busca melhorar a capacidade dos participantes de manter o foco e a atenção em uma tarefa específica por um período prolongado.

Isso é essencial para realizar atividades que exigem atenção detalhada e habilidades motoras finas.

Os resultados obtidos com a atividade da figura 5 foram: **1. Melhoria na Coordenação Motora:** Os participantes demonstraram um aumento na habilidade de realizar movimentos precisos e coordenados. Isso pode ser evidenciado por uma execução mais fluida e eficiente das tarefas motoras propostas na atividade.

2. Aumento na Concentração: Os participantes mostraram uma maior capacidade de focar sua atenção na tarefa por um tempo mais longo sem se distrair. Isso pode ser observado através de um desempenho mais consistente e menor incidência de erros durante a atividade.

3. Desenvolvimento de Habilidades: A atividade contribuiu para o desenvolvimento geral das habilidades motoras e cognitivas dos participantes, proporcionando uma base para a aplicação dessas habilidades em outras áreas da vida.

5. Feedback e Ajustes: Após a realização desta atividade, os participantes e os facilitadores analisaram os resultados, identificando áreas de melhoria e ajustando futuras atividades para atender melhor às necessidades dos participantes.

Esses resultados foram avaliados através de observações diretas, testes de desempenho ou avaliações qualitativas dos participantes sobre a dificuldade e a eficácia da atividade.

Figura 6 - Seção 5: Coordenação e concentração



Fonte: A autora.

A construção de uma educação inclusiva exige um diálogo constante entre diferentes atores: professores, estudantes, pais, gestores, especialistas e pesquisadores. É por meio do diálogo, da troca de experiências e da reflexão da prática que podemos construir soluções para os desafios da inclusão nos traz.

Os espaços de diálogo e reflexão são fundamentais para promover o desenvolvimento profissional dos professores, fomentar a pesquisa e a produção de conhecimento sobre inclusão e construir uma cultura de colaboração. As redes de apoio, as comunidades de prática, os fóruns de discussão e os eventos de formação continuada são exemplos de iniciativas que promovem a troca de saberes e a construção de soluções coletivas para os desafios da educação inclusiva.

A escuta atenta, o respeito às diferentes perspectivas e a busca por consensos são essenciais para criar um ambiente de diálogo propício à aprendizagem e à construção de práticas inovadoras. A valorização da diferença humana e da diversidade de saberes, bem como a construção de um espaço de escuta e diálogo são os pilares para uma educação inclusiva e transformadora.

Ao revisitar toda a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica com um olhar mais atento, percebo que, desde o momento em que me tornei pesquisadora da minha própria prática, especialmente no início da minha carreira como professora em escolas públicas, fui confrontada com diferentes realidades. Encontrei estudantes com individualidades e necessidades que iam além do papel de aprendizes, revelando-se também como seres humanos que, a todo momento, nos desafiam e nos mostram diferentes facetas por meio de situações difíceis, pedidos de ajuda, e suas vivências em contextos de alta vulnerabilidade social. Muitos buscavam uma palavra de apoio, um conselho ou simplesmente alguém que os escutasse, enquanto outros, por meio de suas conquistas, nos inspiravam e demonstravam que ainda é possível acreditar na educação e continuar na profissão.

Ao longo desse caminho educacional, deparei-me com situações que me fizeram refletir sobre o meu papel na vida desses estudantes. Muitas vezes, o que eu planejava ensinar não correspondia às necessidades e expectativas que eles tinham ao estar na escola. No entanto, eu sempre procurava me colocar no lugar de cada um deles, acreditando que, antes de transmitir conhecimentos científicos para prepará-los para o mundo do trabalho, vestibulares ou concursos, era fundamental considerar seus anseios, vivência, dificuldades e preocupações. Frequentemente, interrompia as

aulas ou as iniciava abordando as questões que mais os preocupavam naquele momento. Alguns poderiam considerar isso uma perda de tempo, argumentando que o correto seria seguir rigidamente o currículo estabelecido pela rede de ensino, sem se preocupar com quem são esses estudantes, de onde vêm, o que pensam, sentem e almejam para suas vidas.

A partir dessas reflexões, percebo que todos os estudantes e famílias que passaram pela minha presença tiveram a oportunidade de compartilhar suas inquietações e dificuldades e, além disso, de se tornarem pessoas melhores. Digo isso porque, desde o início da minha carreira, mesmo sendo inexperiente e, por vezes, ingênua, eu já conseguia identificar os aspectos positivos e negativos da minha maneira de ensinar, de conduzir as aulas e de atendê-los, considerando suas especificidades. De certo modo, as dificuldades que apresentavam e que precisavam ser trabalhadas para desenvolver habilidades que antes pareciam inatingíveis eram superadas.

Com base na minha experiência como docente em escolas públicas, posso afirmar que, desde o início até hoje, continuo buscando, por meio de estudos, pesquisas, cursos de atualização e aperfeiçoamento, proporcionar o melhor ensino possível, apesar das inúmeras adversidades. Essas adversidades incluem a ausência de materiais didáticos e pedagógicos, políticas educacionais instáveis, a falta de cursos de formação continuada, professores mal remunerados, o desprestígio da escola, dos colegas de profissão e da sociedade em relação à aprendizagem de estudantes com necessidades específicas nas escolas públicas, orientações pedagógicas que muitas vezes são desconectadas da realidade da sala de aula, materiais de apoio ao currículo com estratégias de ensino ultrapassadas, que desconsideram as necessidades individuais dos estudantes e o contexto em que a escola está inserida, entre outros desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar compreender todo esse processo desafiador de ser professora de alfabetização na perspectiva da inclusão escolar em escolas públicas, percebi ao longo da minha carreira, entre altos e baixos, que, por meio de reflexões e críticas sobre minha prática docente, fui capaz de modificar diariamente o meu fazer pedagógico. Ao afastar-me das incertezas e inconsistências do cenário educacional, tanto no país quanto no estado e na sociedade, especialmente dentro da sala de aula, posso afirmar que, com dedicação e amor pela profissão e pelos estudantes, é possível alfabetizar de maneira lúdica e prazerosa, de forma a possibilitar uma melhor aprendizagem para os estudantes.

Ao refletir sobre o papel do professor como pesquisador e agente de mudança, torna-se relevante e necessário destacar a importância do docente na sociedade, tanto no que diz respeito a questões pedagógicas quanto ao contexto em que ele está inserido. O papel político do professor é estar engajado nas lutas sociais, com o objetivo de formar cidadãos que possuam mais do que conhecimentos acadêmicos, mas também a capacidade de intervir na realidade em que vivem.

Nesse contexto, o professor é visto como um agente de autorreflexão e transformação, não apenas em sua prática, mas também no âmbito mais amplo da sociedade. Ao problematizar teorias e práticas e repensar o processo de ensino e aprendizagem, ele transforma significativamente a abordagem pedagógica diante dos fatores internos e externos à sala de aula e, principalmente, à escola. É essencial considerar que essa postura reflexiva e transformadora do professor não só aprimora o processo educativo, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e ativos, capazes de interagir e intervir positivamente em sua comunidade. Essa abordagem amplia o papel do docente, fazendo dele um mediador entre o conhecimento e a realidade social dos estudantes, além de ser um exemplo de prática cidadã que inspira os alunos a compreender e transformar a sociedade onde estão inseridos.

O ensino para a transformação social significa educar os estudantes para assumir riscos e para lutar no interior das contínuas relações de poder, tornando-os capazes de alterar as bases sobre as quais se vive a vida. Atuar como intelectuais transformadores significa ajudar os estudantes a adquirir um conhecimento crítico sobre as estruturas sociais básicas, tais como a economia, o Estado, o mundo do trabalho e a cultura de massas, de modo que estas instituições possam se abrir a um potencial de

transformação. Uma transformação, neste caso, dirigida à progressiva humanização da ordem social. (Glroux, 1997, p. 90).

Para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem no contexto educacional atual, é essencial que o professor esteja em constante formação, guiado pelas demandas da sociedade, pelos estudantes de hoje, pela realidade da escola e, sobretudo, movido pela busca de novos caminhos ao refletir sobre sua prática. Dessa forma, é importante pensar na escola e no perfil do professor de maneira a considerar não apenas os interesses individuais, mas sim a coletividade, o sentido do plural. Isso nos leva a repensar concepções, políticas educacionais e abordagens diferenciadas que estão envolvidas no conceito de autonomia, influenciando tanto o ensino quanto a aprendizagem. Além disso, é fundamental fortalecer os vínculos entre escola e sociedade para criar espaços onde seja possível construir um mundo mais justo, democrático e ético, levando em conta os fatores socioculturais, as relações interpessoais e o contexto em que a escola está inserida. Uma reflexão importante, estão nos pensamentos de Libâneo (2013), que enfatiza a importância do planejamento, do plano de ensino e da preparação das aulas como tarefas essenciais no trabalho docente, destacando que "[...] deve resultar em um documento escrito que servirá não apenas para orientar as ações do professor, mas também para permitir constantes revisões e aprimoramentos ao longo dos anos" (Libâneo, 2013, p. 267). Portanto, planejar, organizar, elaborar planos de ensino e planos de aula são ações intrínsecas à rotina de um professor, sendo fundamental que os estudantes sejam valorizados em suas diferenças e tenham o maior apoio possível da comunidade escolar.

Refletindo sobre meu crescimento pessoal e profissional, especialmente como professora alfabetizadora, consigo identificar, em meio a avanços, retrocessos, frustrações e alegrias da docência, os frutos que colhi, tenho colhido e que já foram plantados. É importante destacar que, ao modificar constantemente minhas práticas docentes, ao observar o desenvolvimento gradual dos estudantes, buscando novas formas de aprendizagem e motivando-os a querer sempre mais, sem limitar as possibilidades ao que o material didático oferece e proporcionando momentos prazerosos, significativos e produtivos de muita aprendizagem, consegui desconstruir o discurso equivocado de que a alfabetização e o letramento na perspectiva da inclusão escolar não ocorrem de fato nas escolas públicas.

Sempre vi a educação como um meio essencial para promover melhorias em todos os aspectos da sociedade, e acreditei que o professor desempenha um papel crucial nesse processo. Por isso, a dedicação aos estudantes deve ser uma prática diária e estar nos planos do professor, que deve ser focada na intencionalidade de cada aula, levando em consideração as singularidades e respeitando e valorizando as diferenças. É preciso fazer uma reflexão constante, avaliando o que está funcionando bem, o que precisava ser aprimorado, e o que poderia ter sido ainda melhor. Precisamos buscar o campo do possível, dentro do campo real e o ideal, priorizando a qualidade e o sucesso do processo educativo. Você pode estar se perguntando: isso será sempre possível? Claro que não! No entanto, é necessário estar se esforçando para melhorar as abordagens de ensino todos os dias, levando em conta o ponto de vista e a realidade dos estudantes sobre as atividades propostas, as perguntas que poderiam surgir, e as reflexões que eu desejava instigar. Agir de maneira empática e inclusiva, não focando apenas nos estudantes que tinham autonomia e conseguiam progredir por conta própria, mas, principalmente, nos que eram frequentemente ignorados e acabam sempre sendo isolados ou se isolando.

Tenho várias razões para defender essa ideia e contribuir com novos estudos e orientações sobre as crenças, questionamentos e até mesmo as incertezas que levam o professor a priorizar o que realmente importa: seus estudantes. Reconheço que é fundamental estar ciente das novas demandas educacionais, conhecer a fundo as políticas que envolvem o processo educativo, trabalhar em equipe e participar ativamente dos momentos de formação (que, às vezes, considero momentos de deformação, pois muitas vezes servem mais para criticar o trabalho do professor do que para formá-lo), conhecer a realidade da escola, o projeto político-pedagógico, participar de reuniões colegiadas e de conselhos de classe, entre outras responsabilidades.

No entanto, considero que o fundamental é focar na aprendizagem do estudante, expandindo seus horizontes, reconhecendo a importância da vida como um todo, transformando-se como pessoas a partir de um ensino que tem um olhar atento para o desenvolvimento de cada um. A escuta, os conselhos e laços afetivos, abrem portas para que eles expressem o que gostam das aulas e o que pode ser melhorado. Assim, eles podem entender os motivos para estarem na escola, que podem apreender e ser alfabetizados. Estas certezas acontecem, quando encontro ex-estudantes que me enviam mensagens nas redes sociais dizendo que nunca esquecem das

minhas aulas e que eu fui muito importante na formação deles (penso, "realizada" – risos), percebo que atingi meus objetivos, apesar de tanto trabalho sem recursos e o devido reconhecimento por muitos na escola, na sociedade e no país, considerando as políticas públicas educacionais que muitas vezes desconsideram o professor como um ser humano que exerce com excelência uma função tão valiosa na formação de todos que passam pela escola. Dessa forma, compreendo função social do professor, vai muito além do que a sociedade normalmente entende sobre o seu papel e sobre a educação oferecida na escola pública. Se a situação fosse ainda mais precária, seria mais fácil reproduzir do que criar. Como Freire e Shor (1986, p. 21) explicam, "a educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem". Quando o professor trata a educação como um ato social e político, mesmo diante de situações arriscadas, ele torna reais seus sonhos e os sonhos de seus alunos.

Ao observar o cenário atual, especialmente até o final de 2023, que é o foco desta dissertação, percebo que minhas reflexões e críticas sobre os processos formativos, minhas práticas pedagógicas, sobre as políticas educacionais vigentes, sobre a realidade da escola e sobre a precariedade não só de materiais/recursos didáticos e tecnológicos, mas também de uma formação docente inicial e continuada, devem ser consistente e alinhada com o que vivenciamos na sala de aula, me levam a afirmar: para ser professor é preciso coragem, dedicação e amor à educação.

Sendo assim acredito que a formação docente, portanto, deve ser um processo contínuo, que possibilite aos professores a lidar com os desafios da inclusão e a construir uma educação mais justa e equitativa. Pois, professores bem formados e engajados na inclusão criam ambientes de aprendizagem mais acolhedores e respeitosos, onde a diversidade e as diferenças individuais são valorizadas, conseguem ser criativos suficientemente para e utilizarem recursos pedagógicos e estratégias inovadoras que possibilitam à aprendizagem para todos os estudantes. Desenvolvendo projetos e atividades inclusivas que atendem às necessidades específicas de cada estudante promovendo a participação ativa de todos nas aulas, assegurando que cada um possa contribuir de acordo com suas habilidades e potencialidades, em vez de serem taxados por suas deficiências. Neste sentido, abre-se possibilidade para construir relações de respeito, confiança e colaboração com os estudantes, suas famílias e ou-

tros profissionais da escola. Tornando-se agentes de mudança, inspirando outros professores e profissionais da educação a rever o seu papel e ver que a inclusão é possível e pode favorecer as suas práticas.

Para reforçar essa discussão, lembro-me de ter assistido ao filme "O Primeiro da Classe", que é baseado em uma história real e narra a vida de Brad Cohen, um homem que desde a infância convive com a síndrome de Tourette, um transtorno neurológico que provoca tiques e movimentos involuntários. O filme acompanha sua trajetória desde a infância até se tornar um professor bem-sucedido e uma fonte de inspiração para seus estudantes. O que chama atenção, além da superação do próprio Brad, é o impacto que um professor pode ter na vida de um estudante. Durante sua trajetória escolar, Brad encontrou muitos professores que, por falta de conhecimento sobre sua condição, o castigavam. No entanto, houve um professor em particular que fez toda a diferença, sempre incentivando Brad a desenvolver e expandir suas potencialidades.

Ao refletir sobre o filme em sua totalidade, percebo que o mais relevante não é apenas o conhecimento transmitido em relação aos conteúdos disponíveis nos materiais, mas sim a verdadeira essência do papel do professor na vida de seus estudantes. Observando sob a perspectiva das crenças que os estudantes carregavam, é importante destacar que eu não consegui alcançar a totalidade das turmas que ensinei ao longo desses quatro anos de docência, pois não baseava meu trabalho na pedagogia do convencimento. No entanto, sempre procurava apresentar aquilo que era mais adequado, interessante, atraente e que possibilitava o interesse pela aprendizagem, para as turmas, considerando, principalmente, as particularidades de cada estudante, e realizando as intervenções necessárias para que eles pudessem desenvolver suas habilidades e superar ou minimizar suas dificuldades, ou pelo menos que elas não fossem enfatizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Ao documentar minha trajetória pessoal e profissional ao longo do curso de Mestrado em Educação, busquei relatar, os desafios e as conquistas que experimentei como mãe e docente comprometida com a inclusão. Desde o início até a conclusão desta pesquisa, enfrentei inúmeros desafios. Costumo dizer à minha orientadora que escrever sobre minha própria história tornou-se uma forma de refletir sobre a minha trajetória de forma terapêutica, pois me possibilitou expressar o que estava me sufo-

cando e causando angústia. Foram inúmeras noites sem dormir, porque a escrita autobiográfica é uma tarefa árdua. No entanto, posso afirmar com convicção que o esforço valeu a pena. Meu mestrado foi marcado por momentos de choro e alegria, que me proporcionaram a liberdade de me reconhecer e ser quem realmente sou.

Como toda pesquisa, foi um trabalho cansativo, desafiador e repleto de dificuldades. Próxima à conclusão, sentia-me quase sem forças para continuar. Escrevia sem parar, e parecia que o fim nunca chegaria. Ainda assim, também considero que foi uma experiência gratificante. Desde a graduação, venho aprendendo a pesquisar, e ainda tenho muitas dúvidas. Felizmente, nesta dissertação, recebi o incentivo e apoio da minha orientadora, que me apontou caminhos, mostrou possibilidades e me ensinou a não ter medo de tentar. E não pretendo parar por aqui; quero continuar com minhas pesquisas, agora com mais conhecimento acumulado.

Ao concluir esta escrita, o sentimento de estar no caminho certo só se fortalece. Enquanto muitos se limitam ao ensino em sala de aula, sinto-me privilegiada, pois, apesar de todos os desafios e circunstância enfrentados, a formação que recebi na universidade me permitiu chegar onde estou hoje e, sem dúvida, foi fundamental para a construção do meu ser. O ser professora, o ser pesquisadora, o ser apaixonada pela inclusão em sua plenitude, e, finalmente, o ser Jiane.

Certamente, darei continuidade aos meus estudos e à pesquisa, especialmente após a aprovação no mestrado, com o desejo de avançar para o doutorado. Espero que esta dissertação contribua para melhorias e avanços na formação de professores e nas práticas pedagógicas. Que esta pesquisa sirva de base para futuras investigações acadêmicas, científicas e sociais que busquem uma educação de qualidade para todos, sem exceção, pois quando falo de "todos", não vejo a necessidade de utilizar o termo "educação inclusiva". Que este documento se torne uma referência para professores, educadores, gestores e todas as instituições de ensino, públicas ou privadas, ao aprimorar suas práticas para lidar com a diversidade de alunos que chegam às escolas e universidades.

Emerge, então, a necessidade de dar voz e espaço ao professor no ambiente escolar, não apenas em suas intervenções em sala de aula, mas também nas trocas de ideias e experiências entre seus pares e com a gestão escolar. Destaca-se que o professor, independentemente de sua área de formação, deve refletir sobre as ações

educativas, tornando-se, assim, um pesquisador não só dos conhecimentos científicos, mas também das práticas observadas na sala de aula, na escola e na educação de modo geral.

Portanto, a formação docente é um investimento essencial para construir uma educação mais justa, equitativa e inclusiva para todos, com professores realizados, acreditando no seu poder de transformação de vidas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B. Narrativas (auto) biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **(Auto) biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 191-216.

ARCÊNIO, C. R. C. **Nas trilhas da memória: os caminhos do letramento na escola através das trajetórias de vida de professoras alfabetizadoras do PARFOR/UFRRJ**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: https://btd.ibrict.br/vu-find/Record/UFF-2_80221077bc4f06cd97c41d705e7aa14b. Acesso em: 11 nov.2024.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.

BLANCO, R. Implicações educativas do aprendizado na diversidade. **Revista Gestão em Rede**. 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, Brasília: Casa Civil, 1990a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração dos Direitos de Todos**. Brasília, 1990b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração Internacional de Montreal sobre Inclusão**. Brasília: MEC, 1996a.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Casa Civil, 1996b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 04 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Carta para o Terceiro Milênio. Brasília, 1999a.

BRASIL. Ministério da Educação. Convenção de Guatemala. Brasília, 1999b.

BRASIL. Ministério da Educação. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de

2009a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 07 nov.2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2009b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 07 nov.2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. **Histórias de vida e pesquisa biográfica em educação: fundamentos e metodologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

DUARTE, A. J. O. **Processo de constituição da identidade profissional de professores da educação escolar de uma unidade prisional de Minas Gerais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFTM_3e56c087a15ce7f90b56539707eefa39. Acesso em: 08 dez. 2024.

FIAMENGUI, G. A formação de professores e a prática pedagógica: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Santa Maria, v. 40, p. 123-135, 2009.

FRANÇA, S. S. A. **Políticas para formação de professores: reflexões sobre o estágio supervisionado- do legal ao real**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente - SP, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, A. A. A. **Experiências formativas de educadoras de jovens, adultos e idosos: uma costura coletiva**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_a94e8d9cdf76acedd7fac27550720e00. Acesso em: 11 nov.2024.

- FREITAS, S. N. B. **Arquétipos de professoras alfabetizadoras de Duque de Caxias**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://btd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_80221077bc4f06cd97c41d705e7aa14b. Acesso em: 11 nov.2024.
- GATTI, B. Formar professores no Brasil: contradições, políticas e perspectivas. *In*: SANGENIS, L. F. C.; OLIVEIRA, E. F. R.; CARREIRO, H. J. S. (org.). **Formação de professores para uma educação plural e democrática**: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HOSKEN, A. M. L. **Práticas instituídas e instituintes na formação de professores na rede pública de educação de Carangola/MG (1980-2015)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: https://btd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_be431d51be7bf57f45a7bb5192db5589. Acesso em: 11 nov. 2024.
- JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, [S.l.], v. XXX, p. 413-438, 2007.
- JOSSO, M. C. **Experiência e vida e formação**. 2. ed. São Paulo, Paulus, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIBÂNEO, J. C. Licenciatura em Pedagogia: a ausência dos conteúdos específicos do ensino fundamental. *In*: GATTI, B. A. (org.). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: UNESP, 2013. p. 73-94.
- LIMA, M. R. C. **Paulo Freire e a administração escolar**: a busca de um sentido. Brasília: Líber Livro, 2007.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015. MITTLER, P. Educação Inclusiva – Contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo constitutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, São Paulo, v.12, n.1, p. 117-128, abr. 2006.
-

NÓVOA, A. **Para uma história da formação dos professores**. 2. ed. Porto: Edições Pedagógicas, 2007.

NÓVOA, A; FINGER, M (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. C. Experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PIRES, M. G. P. **Sentidos e reconhecimento de não saberes docentes**: um estudo com professores que ensinam Língua Portuguesa. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_5ecc1a51488c8397b5817c7c2776bc5f. Acesso em: 08 dez. 2024.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10,1989.

PRIETO, R. G. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. *In*: MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

REBOLO, F. Fontes e Dinâmicas do Bem-Estar Docente: os quatro componentes de um trabalho felicitário. *In*: REBOLO, F.; TEIXEIRA, L. R. M.; PERRELLI, M. A. S. (org.). **Docência em questão**: discutindo trabalho e formação. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 23-60.

RIBEIRO, E. S. **Entre a casa e a escola**: percurso autoformativo como alfabetizadora bilíngue de criança surda - um estudo autobiográfico. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30714>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SANTANA, J. Contabilidade digital: a escolha estratégica para o seu negócio! **Contabiliza: Escritório Contábil**. 2003. Disponível em: www.contabiliza.com.br. Acesso em: 11 nov.2024.

SANTOS, A. P. B. **Caminhos entrelaçados na escritavência**: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ1_93396331c57432a80679a238016954a0. Acesso em: 11 nov.2024.

SANTOS, L. N. **O valor das coisas “desimportantes”**: o letramento literário baseado na obra Memórias Inventadas, de Manoel de Barros. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFTM_539780667764326119a4c5ccd2b268b2. Acesso em: 13 nov.2024.

SANTOS, S. Práticas do professor. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, jan./dez. 2019a.

SANTOS, S. Práticas pedagógicas e metodologias de ensino são fundamentais no processo de alfabetização. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 7, n. 12, p. 01-16, e1712472, 2018.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SIQUEIRA, L.T. **Danças nas aulas de educação física do ensino fundamental e as relações étnico-raciais**: desafios e possibilidades. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ1_0d599ce149310e6eaea1233c9557cb5b. Acesso em: 13 nov.2024.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 25, n. 8, p. 5-17, 2004b.

SOUZA, D. B. Os dilemas do professor iniciante: Reflexões sobre os cursos de formação inicial. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, Presidente Prudente, n. 08, dez. 2009. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revis-tas/20180403122844.pdf. Acesso em: 01 ago. 2023.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação. **Educação em Questão**, [S.l.], v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, S. R. T. **Narrativas dos estudantes: sentidos sobre o currículo do Curso Técnico em Logística, na forma Integrada - PROEJA do Instituto Federal do Amapá – IFAP**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ-1_a343ac4aec7c27402fca1bfba3497ce4. Acesso em: 13 nov.2024.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ZEICHNER, K. **A formação reflexiva dos professores**: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

SANTANA, Marlon Messias Cruz; e outros. Formação profissional em educação física: história, avanços, limites e desafios. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 1, p. 227-235, jan./jun. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PRIMEIRO PLANO DE ENSINO

Plano Anual de Ensino - 3º Ano do Ensino Fundamental Alinhado à BNCC e ao Currículo Paulista

Ano Letivo: 2020

Turma: 3º Ano do Ensino Fundamental

Duração: 200 dias letivos

Professor(a): Jiane Maria dos Santos Gouveia

Escola: EMEIF e Suplência Monteiro lobato

1. Objetivos Gerais

- Promover o desenvolvimento integral dos estudantes, levando em consideração as diferentes dimensões: cognitiva, social, emocional e física.

- Garantir a alfabetização plena dos alunos, consolidando a leitura e escrita, assim como as habilidades matemáticas.

- Incentivar a construção de valores éticos e o respeito à diversidade, fomentando uma cultura de paz e cooperação.

- Desenvolver a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes por meio de práticas pedagógicas ativas e inclusivas.

- Aplicar os conhecimentos adquiridos de forma interdisciplinar, relacionando os conteúdos às experiências do cotidiano.

2. Componentes Curriculares e Habilidades

Língua Portuguesa

Objetivos Específicos:

- Consolidar a alfabetização, garantindo que os estudantes sejam capazes de ler e compreender textos diversos.

- Desenvolver a produção textual, incentivando a escrita de diferentes gêneros textuais.

- Promover a fluência e compreensão leitora, ampliando o vocabulário e a capacidade interpretativa dos alunos.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03LP01) Ler e compreender textos de diferentes gêneros, identificando a ideia central e localizando informações explícitas.

- (EF03LP08) Planejar e produzir textos escritos de diferentes gêneros, utilizando estratégias de revisão e reescrita.

- (EF03LP11) Ler em voz alta, respeitando a pontuação e o ritmo das palavras, demonstrando fluência e entonação adequadas.

Metodologias e Estratégias:

- Leituras coletivas e individuais diárias.
- Produção de textos a partir de temas propostos e de livre escolha.
- Uso de recursos multimídia e tecnologias digitais para apoio à leitura e escrita.
- Correção e reescrita de textos em grupo e individualmente.

Avaliação:

- Produção textual bimestral.
- Avaliações diagnósticas de leitura e escrita.
- Autoavaliação e avaliação contínua com portfólios.

Matemática**Objetivos Específicos:**

- Desenvolver o raciocínio lógico-matemático para a resolução de problemas do cotidiano.

- Consolidar o entendimento das operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão).

- Promover a compreensão das grandezas e medidas, incluindo o uso de instrumentos de medida.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03MA03) Resolver e elaborar problemas envolvendo adição e subtração com números naturais.

- (EF03MA07) Compreender e utilizar o conceito de multiplicação como adição repetida e divisão como repartição.

- (EF03MA12) Medir e comparar comprimentos, utilizando unidades de medida não padronizadas e padronizadas.

Metodologias e Estratégias:

- Resolução de problemas em grupo e individualmente.

- Jogos matemáticos para fixação das operações.

- Uso de materiais manipulativos para explorar grandezas e medidas.

- Projetos interdisciplinares que envolvem a aplicação prática da matemática.

Avaliação:

- Provas bimestrais com questões contextualizadas.
- Observação contínua durante atividades práticas.
- Autoavaliação e uso de portfólios.

Ciências

Objetivos Específicos:

- Despertar o interesse pelo estudo da natureza e suas transformações.
- Desenvolver a curiosidade científica e a capacidade de investigação.
- Promover a compreensão dos fenômenos naturais e suas relações com o ser humano.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03CI02) Compreender as relações entre seres vivos e o ambiente, identificando os impactos das ações humanas.

- (EF03CI04) Investigar e registrar, por meio de desenhos, escrita e/ou outras formas de expressão, as transformações de materiais em fenômenos do cotidiano.

- (EF03CI07) Realizar experimentos simples que envolvam fenômenos físicos e químicos, registrando observações.

Metodologias e Estratégias:

- Experimentos práticos e projetos científicos.
- Pesquisa e registro de observações do meio ambiente local.
- Uso de vídeos e recursos digitais para explorar temas científicos.
- Aulas em espaços externos como jardins e parques para observação da natureza.

Avaliação:

- Relatórios de experimentos e projetos.
- Provas objetivas e discursivas.

- Observação e participação em atividades práticas.

História

Objetivos Específicos:

- Promover o entendimento do tempo histórico, incluindo a noção de passado, presente e futuro.
- Estimular a compreensão da história local e nacional, valorizando a cultura e a diversidade.
- Desenvolver a capacidade de localizar-se no tempo e no espaço.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03HI01) Identificar mudanças e permanências em hábitos e costumes no cotidiano das pessoas ao longo do tempo.
- (EF03HI02) Reconhecer e valorizar a diversidade do patrimônio cultural e imaterial presente em sua localidade.
- (EF03HI04) Relacionar diferentes fontes de informação para construir o conhecimento histórico.

Metodologias e Estratégias:

- Pesquisa e construção de linhas do tempo.
- Entrevistas e relatos orais com membros da comunidade.
- Visitas a museus e pontos históricos da cidade.
- Uso de recursos audiovisuais para estudo de fatos históricos.

Avaliação:

- Elaboração de projetos e apresentações.
- Provas com questões dissertativas e objetivas.
- Participação em debates e discussões em sala.

Geografia**Objetivos Específicos:**

- Desenvolver a compreensão do espaço geográfico, reconhecendo as interações entre sociedade e natureza.

- Promover a reflexão sobre a organização do espaço urbano e rural.

- Estimular a percepção das dinâmicas ambientais e sua importância para a vida em sociedade.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03GE01) Identificar e localizar os principais elementos naturais e culturais de sua região.

- (EF03GE04) Compreender a importância da preservação do meio ambiente para a qualidade de vida.

- (EF03GE06) Analisar a organização e os usos do espaço urbano e rural, reconhecendo suas características e dinâmicas.

Metodologias e Estratégias:

- Trabalhos de campo e visitas a espaços urbanos e rurais.

- Mapas mentais e construção de maquetes.

- Discussões sobre temas ambientais atuais e locais.

- Atividades práticas de observação e registro do ambiente ao redor.

Avaliação:

- Provas e testes bimestrais.
- Projetos em grupo sobre temas específicos.
- Registro de atividades práticas e saídas de campo.

Arte**Objetivos Específicos:**

- Promover a expressão artística e a apreciação das diferentes linguagens da arte.
- Desenvolver a criatividade e a capacidade de interpretação de obras de arte.
- Estimular a valorização da cultura local e das manifestações artísticas regionais.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03AR01) Explorar diferentes materiais, técnicas e procedimentos para criação artística.

- (EF03AR02) Apreciar e analisar obras de arte de diferentes épocas e culturas.

- (EF03AR04) Criar produções artísticas inspiradas em obras e manifestações culturais da comunidade.

Metodologias e Estratégias:

- Oficinas de desenho, pintura, escultura e outras formas de expressão artística.

- Apreciação e discussão de obras de arte em sala de aula.

- Exposições e apresentações artísticas dos alunos.

- Integração das atividades de arte com outras áreas do conhecimento.

Avaliação:

- Portfólio de produções artísticas.

- Participação em atividades coletivas e individuais.

- Avaliação de processo criativo e envolvimento.

Educação Física

Objetivos Específicos:

- Promover a prática regular de atividades físicas, desenvolvendo habilidades motoras e hábitos saudáveis.
- Estimular o trabalho em equipe, a cooperação e o respeito às regras.
- Conscientizar sobre a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar.

Habilidades (BNCC e Currículo Paulista):

- (EF03EF01) Participar de atividades físicas, respeitando regras e colegas.
- (EF03EF03) Desenvolver habilidades motoras básicas, como correr, saltar e arremessar.
- (EF03EF05) Reconhecer a importância da prática regular de atividades físicas para a saúde.

Metodologias e Estratégias:

- Jogos cooperativos e competitivos.

- Aulas práticas de diferentes modalidades esportivas.
- Atividades ao ar livre e circuitos de movimento.
- Projetos que integram esporte e saúde, como campanhas de conscientização.

Avaliação:

- Participação e desempenho nas atividades propostas.
- Autoavaliação e reflexões sobre a prática física.
- Observação contínua das habilidades motoras.

2. Projetos Interdisciplinares

Projeto 1: "Nossa Cidade, Nossa História"

- Componentes envolvidos: História, Geografia, Língua Portuguesa, Arte.

Descrição: Projeto para explorar a história e geografia da cidade, envolvendo pesquisa, entrevistas, construção de maquetes e apresentação final.

Projeto 2: "Sustentabilidade em Ação"

- Componentes envolvidos: Ciências, Geografia, Educação Física, Matemática.

Descrição: Projeto voltado para a conscientização ambiental, com atividades práticas de reciclagem, jardinagem e economia de recursos.

3. Recursos Didáticos

- Livros didáticos adotados pela escola.
- Materiais manipulativos e jogos educativos.
- Recursos audiovisuais: vídeos, documentários, animações.
- Tecnologias digitais: tablets, lousa digital, aplicativos educativos.
- Material de artes (papel, tinta, argila, etc.).

4. Avaliação

- Avaliação contínua, com observação do desenvolvimento diário dos alunos.
- Provas bimestrais que englobam questões objetivas, dissertativas e práticas.

- Portfólios de produções textuais, artísticas e científicas.
- Autoavaliação e participação em projetos e atividades em grupo.

5. Inclusão e Atendimento à Diversidade

- Adaptação de atividades e avaliações conforme as necessidades de alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem.

- Implementação de práticas pedagógicas inclusivas, que valorizem a diversidade e promovam a participação de todos.

- Parcerias com profissionais especializados para apoio pedagógico e desenvolvimento de planos educacionais individualizados (PEI) quando necessário.

Este plano anual visa oferecer uma educação de qualidade, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos e preparando-os para os desafios futuros, sempre respeitando os princípios da BNCC e as diretrizes do Currículo Paulista.

APÊNDICE B - PLANO DE AÇÃO

Plano de Ação para Estudantes com Dificuldades de Aprendizagem, TEA, Altas Habilidades e Outras Deficiências

1. Identificação e Avaliação

- Objetivo: Identificar as necessidades específicas de cada estudante para personalizar a intervenção pedagógica.

Ações:

- Realizar observações sistemáticas durante as aulas.
- Aplicar avaliações diagnósticas formais e informais.
- Consultar relatórios de avaliações anteriores e histórico escolar.
- Reunir informações junto aos pais e outros profissionais (psicólogos, terapeutas, etc.).
- Desenvolver um relatório individual detalhado, identificando as áreas de dificuldade e os pontos fortes do estudante.

2. Personalização do Ensino

- Objetivo: Adaptar o currículo e as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais.

Ações:

- Elaborar Planos Educacionais Individualizados (PEI) para estudantes com dificuldades significativas.

- Modificar atividades e avaliações para permitir diferentes formas de expressão (oral, escrita, visual).

- Oferecer recursos adicionais, como material didático adaptado ou tecnologia assistiva.

- Implementar ensino baseado em competências, permitindo que o aluno progrida no seu próprio ritmo.

2. Estimulação da Participação

- Objetivo: Incentivar a participação ativa dos estudantes nas aulas, promovendo a inclusão.

Ações:

- Criar atividades em grupo que valorizem as habilidades individuais dos alunos.

- Utilizar métodos de ensino diversificados, como debates, apresentações e atividades práticas.

- Implementar práticas de ensino colaborativo, onde os estudantes com dificuldades são integrados com os colegas em atividades de tutoria.

- Reconhecer e valorizar os esforços e progressos individuais, para aumentar a motivação.

3. Atividades Interativas e Engajadoras

- Objetivo: Tornar o aprendizado mais envolvente e significativo para os alunos.

Ações:

- Incorporar jogos educativos e atividades lúdicas que reforcem o conteúdo curricular.

- Promover o uso de multimídia (vídeos, aplicativos educativos) para diversificar as formas de aprendizado.

- Desenvolver projetos temáticos que integrem diferentes disciplinas, incentivando a criatividade e a exploração.

4. Plantão de Dúvidas

- Objetivo: Oferecer apoio individualizado para esclarecer dúvidas e reforçar o aprendizado.

Ações:

- Estabelecer horários semanais para atendimento individual ou em pequenos grupos.

- Utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para atendimento online, permitindo flexibilidade.

- Criar um sistema de mentoria onde alunos mais avançados auxiliam colegas com dificuldades.

5. Melhoria da Prática Pedagógica

- Objetivo: Tornar o conteúdo mais acessível e interessante para os alunos.

Ações:

- Realizar formações continuadas para os professores sobre metodologias ativas e inclusivas.

- Implementar feedback contínuo dos alunos sobre as aulas, ajustando as práticas conforme necessário.

- Utilizar exemplos do cotidiano e contexto dos alunos para tornar o conteúdo mais relevante.

6. Variedade na Apresentação do Conteúdo

- Objetivo: Apresentar o conteúdo de diferentes formas para atender a diferentes estilos de aprendizagem.

Ações:

- Utilizar gráficos, mapas mentais, esquemas e resumos visuais.

- Implementar a metodologia de Ensino Híbrido, combinando aulas presenciais com atividades online.

- Alternar entre métodos expositivos, práticos, visuais e auditivos conforme o conteúdo.

7. Minimização de Distrações

- Objetivo: Criar um ambiente propício para a concentração e aprendizado.

Ações:

- Organizar a sala de aula de forma que reduza estímulos visuais e auditivos desnecessários.

- Definir zonas de trabalho onde os alunos possam se concentrar sem interrupções.

- Utilizar fones de ouvido ou barreiras visuais para alunos que se distraem facilmente.

8. Ensino de Métodos de Estudo

- Objetivo: Capacitar os alunos para que sejam aprendizes autônomos e eficazes.

Ações:

- Ensinar técnicas de organização e planejamento, como uso de agendas e cronogramas de estudo.

- Introduzir métodos de leitura ativa, como sublinhar, anotar e resumir textos.

- Promover a autoavaliação e reflexão sobre as próprias estratégias de aprendizado.

9. Utilização de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

- Objetivo: Expandir as oportunidades de aprendizado fora da sala de aula.

Ações:

- Desenvolver atividades de revisão e aprofundamento no AVA, com vídeos, exercícios interativos e quizzes.

- Oferecer suporte adicional via fóruns de discussão e chat para esclarecer dúvidas em tempo real.

- Realizar avaliações formativas online para monitorar o progresso dos alunos.

10. Uso de Paródias e Outros Recursos Criativos

- Objetivo: Facilitar a memorização e o entendimento do conteúdo por meio de recursos criativos.

Ações:

- Criar paródias de músicas conhecidas com letras relacionadas ao conteúdo pedagógico.

- Utilizar atividades de dramatização e teatro para ilustrar conceitos difíceis.

- Estimular os alunos a criar seus próprios recursos criativos, como poesias ou desenhos relacionados ao tema.

11. Utilização de Post-its e Outros Recursos Visuais

- Objetivo: Auxiliar na organização das ideias e na memorização de conceitos importantes.

Ações:

- Incentivar o uso de post-its coloridos para marcar pontos-chave em livros e cadernos.

- Colocar lembretes visuais nas mesas dos alunos ou no quadro para reforçar conceitos.

- Criar murais colaborativos na sala de aula onde os alunos podem adicionar suas notas e ideias.

Avaliação e Monitoramento do Plano

- Objetivo: Garantir que o plano de ação seja eficaz e faça os ajustes necessários.

Ações:

- Revisar o progresso dos alunos em intervalos regulares (mensal ou bimestral).

- Realizar reuniões com pais, professores e especialistas para discutir o desenvolvimento dos estudantes.

- Ajustar o plano conforme necessário, com base nas observações e nos resultados obtidos.

Este plano de ação visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades ou talentos, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva, promovendo seu pleno desenvolvimento acadêmico e social.

APÊNDICE C - PLANO DE ENSINO (2022)**Plano Anual de Ensino – 2º Ano do Ensino Fundamental 1: Alfabetização e Letramento.****1. Identificação**

- Ano/Série: 2º Ano do Ensino Fundamental 1(2022)
- Disciplina: Alfabetização e Letramento
- Duração: Anual (Fev/Mar a Dez)
- Professor (a): Jiane Maria dos Santos Gouveia
- Escola: EMEIF e Suplência Monteiro Lobato

2. Justificativa

Este plano de ensino é estruturado para atender às necessidades de uma turma diversificada do 2º ano do Ensino Fundamental, na qual a alfabetização e o letramento são abordados dentro de uma perspectiva inclusiva. Ele considera as diferenças individuais dos estudantes, garantindo que todos, incluindo aqueles com necessidades educacionais especiais, possam desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação. A inclusão escolar é central nesta abordagem, que busca promover um ambiente de aprendizagem acolhedor e respeitoso.

3. Objetivos Gerais

- Desenvolver a competência leitora e escritora dos alunos, considerando as diversas formas de expressão e comunicação.
- Promover a inclusão de todos os alunos, respeitando as singularidades e oferecendo suporte diferenciado quando necessário.
- Incentivar a participação ativa dos estudantes em atividades colaborativas, fortalecendo a autoestima e o senso de pertencimento.
- Estimular o pensamento crítico e reflexivo por meio de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e social.

4. Objetivos Específicos

- Identificar e reconhecer letras, sílabas e palavras, associando-as a seus respectivos sons e significados.
- Desenvolver habilidades de leitura e escrita, respeitando o ritmo e o nível de cada aluno.
- Promover a compreensão de textos simples e o desenvolvimento da capacidade de interpretar diferentes gêneros textuais.
- Implementar atividades que estimulem a oralidade e a expressão pessoal dos alunos.

- Utilizar recursos tecnológicos e pedagógicos acessíveis para atender às necessidades específicas dos alunos com deficiência ou transtornos de aprendizagem.

- Fomentar o trabalho em grupo e a cooperação entre os alunos, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças

5. Conteúdos Programáticos

1º Bimestre:

- Revisão das habilidades de leitura e escrita adquiridas no 1º ano.
- Identificação e reconhecimento de vogais e consoantes.
- Formação de sílabas simples e complexas.
- Introdução a pequenos textos narrativos e descritivos.
- Atividades de leitura compartilhada e individual.

2º Bimestre:

- Ampliação do vocabulário por meio de leitura de histórias infantis.
- Escrita de palavras e frases simples.
- Introdução ao conceito de texto: começo, meio e fim.
- Exercícios de interpretação de texto (oral e escrito).
- Exploração de diferentes gêneros textuais (contos, fábulas, poemas).

3º Bimestre:

- Produção de pequenos textos narrativos e descritivos.
- Trabalho com rimas e aliterações para desenvolvimento fonológico.
- Atividades de leitura e reescrita de textos.
- Introdução ao uso de pontuação básica (ponto final, exclamação e interrogação).
- Exploração de textos informativos simples.

4º Bimestre:

- Reforço das habilidades de leitura e escrita desenvolvidas ao longo do ano.
- Produção de textos coletivos e individuais.
- Introdução à leitura de textos mais complexos e interpretação crítica.
- Uso de recursos tecnológicos para produção e apresentação de textos.
- Avaliação do desenvolvimento individual e coletivo dos alunos.

6. Metodologia

- **Aulas expositivas e dialogadas:** Apresentação dos conteúdos de forma acessível, com uso de imagens, vídeos e outros recursos visuais para facilitar a compreensão.

- **Atividades práticas:** Realização de exercícios escritos, jogos educativos, atividades lúdicas e leituras compartilhadas, respeitando o ritmo de cada aluno.

- **Trabalho em grupo:** Desenvolvimento de atividades colaborativas, promovendo a troca de conhecimentos e o respeito às diferenças.

- **Uso de tecnologias assistivas:** Implementação de recursos tecnológicos (como software de leitura para deficientes visuais e vídeos com legendas para deficientes auditivos) para garantir a acessibilidade.

- **Avaliação contínua:** Acompanhamento individualizado do progresso dos alunos, com adaptações pedagógicas sempre que necessário.

7. Avaliação

A avaliação será contínua e processual, considerando o desenvolvimento das competências leitora e escritora dos alunos ao longo do ano. Serão utilizadas diversas estratégias de avaliação, como:

- **Observação:** Monitoramento do envolvimento dos alunos nas atividades e sua interação com os colegas.

- **Portfólio:** Coleta de produções escritas e leituras realizadas pelos alunos ao longo do ano e fotos de atividades desenvolvidas.

- **Avaliações diagnósticas:** Aplicação de atividades de leitura e escrita para identificar dificuldades e ajustar a prática pedagógica.

- **Autoavaliação:** Reflexão dos alunos sobre seu próprio aprendizado e participação nas atividades.

- **Avaliação formativa:** Feedback constante e individualizado, com o objetivo de promover a inclusão e o avanço de todos os alunos.

8. Recursos Didáticos

- Livros didáticos e paradidáticos adequados ao nível de leitura dos alunos.

- Cartazes e materiais visuais para apoio às aulas.

- Jogos pedagógicos para alfabetização e letramento.

- Recursos tecnológicos (computadores, televisão, softwares de acessibilidade).

- Materiais de escrita (papel, lápis, canetas, cadernos) e artísticos (tintas, pincéis, cartolina).

9. Referências Bibliográficas

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação, 2017.

FREIRE, Paulo. ****Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

KATO, Mary. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

Este plano de ensino é uma proposta flexível e adaptável, que visa atender às necessidades de todos os alunos, garantindo um ambiente de aprendizado inclusivo e eficaz.

ANEXOS

ANEXO A - MODELO DE PLANO DE ENSINO A SER SEGUIDO**Plano de Ensino Inclusivo Anual - Respeito à Singularidade e Especificidades dos Estudantes**

Ano Letivo: 2024

Turma: 1º ano C (tarde)

Duração: 200 dias letivos

Professor(a): Jiane Maria dos Santos Gouveia

Escola: EMEIF e Suplência Monteiro Lobato

1. Objetivos Gerais

- Promover um ambiente educacional inclusivo, no qual todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades, sejam respeitados e tenham suas potencialidades desenvolvidas.

- Assegurar que o currículo seja acessível a todos, utilizando diferentes estratégias e recursos adaptativos para atender às necessidades individuais dos alunos.

- Incentivar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, promovendo a empatia, a cooperação e o respeito às diferenças.

- Estimular a autonomia e a participação ativa dos estudantes em todas as atividades escolares.

- Garantir a aprendizagem significativa e a progressão acadêmica de todos os alunos, adaptando o ensino de acordo com as suas necessidades específicas.

2. Princípios Pedagógicos

- Individualização: Adaptar o ensino às necessidades de cada aluno, respeitando seu ritmo e suas especificidades.

- Inclusão: Assegurar que todas as atividades e conteúdos sejam acessíveis a todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades.

- Colaboração: Envolver toda a comunidade escolar (professores, pais, especialistas) na construção de um ambiente inclusivo e acolhedor.

- Flexibilidade: Utilizar diferentes métodos, abordagens e recursos para garantir que todos os alunos possam participar e aprender.

- Empatia e Respeito: Cultivar um ambiente onde as diferenças sejam valorizadas e todos se sintam aceitos e apoiados.

3. Componentes Curriculares e Estratégias Inclusivas

Língua Portuguesa

Objetivos Específicos:

- Desenvolver a leitura e a escrita de forma acessível a todos os alunos, considerando suas necessidades específicas.
- Promover a comunicação oral e escrita, utilizando recursos variados, como tecnologias assistivas, para facilitar o acesso ao conteúdo.

Estratégias Inclusivas:

- Utilização de textos adaptados, com linguagem simplificada para alunos com dificuldades de leitura.
- Uso de tecnologias assistivas, como leitores de tela, aplicativos de comunicação alternativa, entre outros.
- Oficinas de produção textual que permitam a utilização de diferentes formatos (digitais, orais, gráficos) para expressar ideias.
- Leitura compartilhada em grupos heterogêneos, promovendo o apoio entre colegas.

Matemática**Objetivos Específicos:**

- Desenvolver o raciocínio lógico e as habilidades matemáticas de todos os alunos, com adaptações conforme suas necessidades.

- Promover a compreensão das operações matemáticas e conceitos, utilizando recursos que facilitem a aprendizagem de estudantes com dificuldades.

Estratégias Inclusivas:

- Uso de materiais manipulativos (como ábacos, blocos lógicos, figuras geométricas) para alunos com dificuldades cognitivas ou motoras.

- Atividades matemáticas em formato de jogos, facilitando a aprendizagem para alunos com déficit de atenção ou dificuldade de concentração.

- Adaptação do conteúdo e das tarefas de acordo com o ritmo de aprendizagem de cada estudante.

- Disponibilização de calculadoras ou softwares específicos para alunos que necessitem de apoio tecnológico.

Ciências

Objetivos Específicos:

- Promover o entendimento de conceitos científicos de forma acessível e prática, considerando as necessidades de todos os alunos.

- Estimular a curiosidade e o pensamento crítico, oferecendo oportunidades de exploração e investigação.

Estratégias Inclusivas:

- Realização de experimentos com materiais adaptados, garantindo que todos os alunos possam participar, incluindo aqueles com dificuldades motoras.

- Uso de recursos visuais, táteis e auditivos para facilitar a compreensão de conceitos científicos.

- Implementação de atividades de grupo que incentivem a colaboração entre alunos com diferentes habilidades.

- Adaptação de textos e materiais didáticos com linguagem simplificada e uso de figuras e esquemas para facilitar a compreensão.

História e Geografia

Objetivos Específicos:

- Desenvolver o entendimento do tempo, espaço e sociedade, respeitando as particularidades de cada estudante.

- Promover a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferentes perspectivas históricas e geográficas.

Estratégias Inclusivas:

- Uso de mapas, maquetes e recursos tridimensionais para auxiliar na compreensão espacial, especialmente para alunos com dificuldades cognitivas.

- Atividades de recontagem de histórias com suporte de vídeos, áudios e desenhos, facilitando a participação de alunos com dificuldades de leitura e escrita.

- Projetos interdisciplinares que integrem História e Geografia com outras disciplinas, utilizando abordagens multisensoriais.

- Discussões em grupos, com suporte visual e oral, permitindo a participação ativa de todos os estudantes.

Arte

Objetivos Específicos:

- Estimular a expressão criativa e a apreciação estética, respeitando as habilidades e preferências de cada aluno.

- Promover a inclusão através da arte, utilizando diferentes meios para que todos possam se expressar e participar.

Estratégias Inclusivas:

- Adaptação de materiais artísticos (como pincéis de diferentes tamanhos, argila, papel texturizado) para atender às necessidades motoras dos alunos.

- Incentivo ao uso de tecnologias assistivas para criar arte digital, especialmente para alunos com dificuldades motoras.

- Realização de projetos artísticos colaborativos que integrem alunos com diferentes habilidades, promovendo a cooperação e o respeito.

- Utilização de diferentes linguagens artísticas (dança, música, teatro) para permitir múltiplas formas de expressão.

Educação Física

Objetivos Específicos:

- Promover a prática de atividades físicas e esportivas de maneira inclusiva, respeitando as limitações físicas e motoras dos alunos.

- Desenvolver habilidades motoras, sociais e emocionais, adaptando as atividades às capacidades de cada estudante.

Estratégias Inclusivas:

- Adaptação de jogos e atividades físicas para que todos possam participar, incluindo alunos com mobilidade reduzida.
- Utilização de equipamentos específicos (bolas de diferentes tamanhos, rampas, cadeiras adaptadas) para alunos com deficiência motora.
- Promoção de atividades físicas que estimulem a cooperação em vez da competição, incentivando o trabalho em equipe.
- Criação de circuitos motores adaptados que permitam a participação ativa de todos os estudantes, respeitando suas limitações.

4. Recursos Didáticos e Tecnológicos

- Tecnologias Assistivas: Uso de softwares, aplicativos e dispositivos que facilitam o acesso ao conteúdo para alunos com dificuldades de leitura, escrita, comunicação e mobilidade.
- Materiais Adaptados: Textos em braille, materiais manipulativos, livros com letras ampliadas, vídeos com legendas e interpretação em Libras.
- Recursos Multissensoriais: Materiais que envolvam os sentidos (visão, audição, tato) para promover uma aprendizagem mais acessível e eficaz.

- Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA): Plataforma que ofereça recursos acessíveis, como atividades interativas, fóruns e vídeos com descrições detalhadas.

6. Avaliação Inclusiva

- Avaliação Contínua: Observação do progresso dos alunos de forma contínua, adaptando as avaliações às suas necessidades específicas.

- Diversificação de Formas de Avaliação: Provas orais, uso de portfólios, apresentação de trabalhos em diferentes formatos (escrito, oral, digital) para respeitar as habilidades individuais.

- Autoavaliação: Incentivar que os alunos reflitam sobre seu próprio aprendizado, considerando suas conquistas e desafios.

- Feedback Individualizado: Fornecer retornos detalhados e construtivos, destacando os progressos e apontando áreas que precisam de mais suporte.

7. Parcerias e Colaboração

- Apoio Especializado: Colaboração com profissionais especializados (psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos) para desenvolver planos de ensino individualizados (PEI) e oferecer suporte específico.

- Envolvimento da Família: Manter uma comunicação constante com as famílias, informando-as sobre o progresso dos alunos e discutindo estratégias de apoio em casa.

- Trabalho em Equipe: Incentivar a colaboração entre professores, coordenadores e outros profissionais da escola para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo.

8. Conclusão

Este plano de ensino é construído com o compromisso de garantir que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite suas singularidades e promova o desenvolvimento integral. Através da adaptação de métodos, recursos e avaliações, o objetivo é assegurar que cada estudante tenha a oportunidade de aprender e se desenvolver em um ambiente acolhedor e inclusivo.

ANEXO B - MODELO DE PLANO DE AÇÃO (2023)

Plano de Ação de Alfabetização para Estudantes com Dificuldades de Aprendizagem

Ano Letivo: 2023

Turma: 1º e 2º anos do Ensino Fundamental

Duração: Anual

Professor(a): Jiane Maria dos Santos Gouveia

Escola: EMEIF e Suplência Monteiro Lobato

1. Objetivo Geral

Desenvolver e implementar estratégias pedagógicas inclusivas e personalizadas para apoiar estudantes com dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização, promovendo o pleno desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita, respeitando suas especificidades individuais.

2. Objetivos Específicos

- Identificar precocemente as dificuldades de aprendizagem dos estudantes.
- Adaptar o currículo e as estratégias de ensino para atender às necessidades individuais de cada aluno.
- Utilizar recursos e tecnologias assistivas para facilitar o processo de alfabetização.
- Promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e motivador.
- Envolver a família e outros profissionais na criação de um plano de apoio contínuo.
- Monitorar e avaliar o progresso dos estudantes de forma contínua e adaptativa.

3. Diagnóstico Inicial

Ações:

- Realizar uma avaliação diagnóstica individual no início do ano letivo para identificar as habilidades e dificuldades dos alunos em relação à leitura, escrita e compreensão.
- Observar o comportamento dos alunos durante as atividades de alfabetização para identificar possíveis dificuldades cognitivas, motoras ou emocionais.
- Entrevistar os pais ou responsáveis para obter informações sobre o histórico de desenvolvimento dos alunos e qualquer dificuldade de aprendizagem pré-existente.

Ferramentas e Métodos:

- Testes de leitura e escrita adaptados.
- Observação direta em sala de aula.
- Entrevistas estruturadas com pais e responsáveis.

4. Intervenções Pedagógicas

Ações:

- **Ensino Diferenciado:** Planejar aulas com níveis variados de dificuldade, garantindo que todos os alunos possam participar e progredir de acordo com suas capacidades.
- **Recursos Multissensoriais:** Utilizar materiais que envolvam diferentes sentidos (visual, auditivo, tátil) para facilitar a compreensão e memorização dos conteúdos.
- **Atividades Lúdicas:** Incorporar jogos educativos, músicas, e atividades artísticas que estimulem a leitura e a escrita de forma divertida e acessível.

- **Grupos de Apoio:** Criar pequenos grupos de estudo, onde alunos com dificuldades semelhantes possam receber apoio mais personalizado.

- **Tecnologias Assistivas:** Implementar o uso de softwares de leitura e escrita, audiolivros, e outros recursos digitais para apoiar os alunos com dificuldades motoras, cognitivas ou neurológicas.

Recursos Necessários:

- Livros com linguagem simplificada e recursos visuais.
- Jogos educativos específicos para alfabetização.
- Computadores, tablets e aplicativos de alfabetização.
- Materiais manipulativos (letras móveis, cartões, blocos de construção).

5. Estratégias de Ensino

Ações:

- **Personalização do Ensino:** Adaptar as estratégias de ensino conforme as necessidades específicas de cada aluno, utilizando abordagens como o ensino individualizado ou em pequenos grupos.

- **Método Fônico:** Focar no desenvolvimento das habilidades fonológicas, ajudando os alunos a perceberem os sons das letras e suas correspondências com os grafemas.

- **Leitura Guiada:** Promover sessões de leitura guiada, onde o professor auxilia os alunos na leitura de textos adaptados, estimulando a compreensão e a fluência.

- **Escrita Criativa:** Incentivar os alunos a escreverem pequenas histórias ou frases sobre temas de seu interesse, com o suporte necessário para cada nível de habilidade.

Metodologias:

- Ensino focado em habilidades fonológicas.

- Leitura compartilhada e orientada.
- Produção textual assistida.

6. Avaliação e Monitoramento

Ações:

- **Avaliação Formativa:** Realizar avaliações contínuas e informais para monitorar o progresso dos alunos e ajustar as estratégias de ensino conforme necessário.

- **Portfólio de Aprendizagem:** Manter um portfólio para cada aluno, registrando suas produções, atividades e progresso ao longo do ano.

- **Feedback Individualizado:** Fornecer feedback regular e personalizado para os alunos, destacando seus avanços e áreas que precisam de mais atenção.

Ferramentas de Avaliação:

- Checklists de habilidades de leitura e escrita.
- Observações registradas no portfólio do aluno.
- Provas adaptadas e atividades de avaliação contínua.

7. Envolvimento da Família e da Comunidade

Ações:

- **Reuniões Regulares:** Realizar reuniões periódicas com os pais para discutir o progresso dos alunos e estratégias de apoio em casa.

- **Oficinas para Pais:** Oferecer oficinas para capacitar os pais a apoiarem o processo de alfabetização dos filhos em casa, utilizando técnicas simples e eficazes.

- **Colaboração com Especialistas:** Trabalhar em conjunto com psicopedagogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais para criar

planos de intervenção adequados às necessidades específicas dos alunos.

Parcerias e Colaborações:

- Psicopedagogos e outros especialistas em dificuldades de aprendizagem.
- Oficinas e eventos com a participação da família.

8. Ambiente de Aprendizagem Inclusivo

Ações:

- **Organização da Sala de Aula:** Criar um ambiente acolhedor e estimulante, com recursos acessíveis e disposição que favoreça a interação e o apoio mútuo.

- **Minimização de Distrações:** Reduzir estímulos visuais e auditivos que possam dificultar a concentração dos alunos com dificuldades de atenção.

- **Promoção da Empatia:** Incentivar a cooperação e o respeito entre os alunos, promovendo uma cultura de inclusão e apoio mútuo.

Recursos e Configurações:

- Espaço de leitura com materiais acessíveis.
- Área de atividades interativas e colaborativas.
- Organização da sala em grupos de trabalho para facilitar o apoio entre pares.

9. Formação Continuada dos Professores

Ações:

- **Capacitação:** Oferecer cursos de formação continuada para os professores, focados em metodologias de ensino inclusivas e estratégias para apoiar alunos com dificuldades de aprendizagem.

• **Compartilhamento de Práticas:** Estimular a troca de experiências e práticas pedagógicas entre os docentes, criando uma rede de apoio e aprendizagem contínua.

Temas de Formação:

- Alfabetização inclusiva.
- Tecnologias assistivas na educação.
- Estratégias pedagógicas para alunos com dificuldades de aprendizagem.

10. Conclusão

Este plano de ação de alfabetização visa garantir que todos os estudantes, independentemente de suas especificidades, tenham acesso a um processo de alfabetização eficaz e inclusivo. Por meio de estratégias adaptativas, recursos diversificados e o envolvimento de toda a comunidade escolar, o objetivo é promover o pleno desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, respeitando e valorizando as diferenças individuais.

Avaliação Final: Revisão periódica do plano de ação, ajustes conforme as necessidades e feedbacks contínuos para garantir a eficácia das estratégias implementadas.